

A Defesa Nacional

Redactor chefe: PAES D'ANDRADE — Redactor gerente: S. SCHELEDER — Redactor secretario: A. PAMPHIRO

Red. e off. — Rua da Quitanda, 74

ANNO XI

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1924

N.º 131

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger — Presidente de Honra.
Paes d'Andrade, S. Scheleder, A. Pamphiro, (redactores)
Mendonça Lima (t. de guerra), Nilo Val, Orozimbo Pereira, E. Leitão de Carvalho,
L. P. Souza Pinto, Eurico Dutra, Lima e Silva, Silio Portella, Pericles Ferraz,
Newton Cavalcanti, Daltro Filho, Eloy C. Catão, Brazilio Tabora, F. J. Pinto,
João Pereira, Fran. P. S. Fonseca e C. de Abreu

SUMMARIO

Unidade de doutrina	Cmts. Paes d' Andrade e S. Portella
Destacamento de ligação	Major Klinger
A Manobra da Infantaria	Cmts. Barrant e Paes d' Andrade
O thema de <i>A Defesa Nacional</i>	Redacção
Elementos de um plano de fogos de Infantaria	Major Portella
Themas de artilharia de campanha	Cap. Correia Lima
A Substituição	Ten. Cel. Paes d' Andrade
Reconhecimento do terreno	Cap. D de Assis
Guerra do Paraguay	Cap. Nilo Val
Bibliographia	

OLIVEIRA ANDRADE & CA

IMPORTADORES E EXPORTADORES

— DE —

Cimento, Ferragens,

Tintas, Oleos,

Louças, Cutelarias,

Materiaes para Construcção,

etc., etc.

RUA 7 DE SETEMBRO N. 67

TELEPHONES:

Escriptorio: **Norte 7664**

Armazem: **Norte 7787**

RIO DE JANEIRO

Acaba de sahir:

HISTORIA MILITAR DO BRASIL

PELO

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8º com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores « fóra do texto »

Preço (livre de porte) { em broc. 12\$000
encader. 15\$000

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — Rua do Ouvidor, 166
São Paulo — Rua Libero Badaró, 129
Bello Horizonte — Rua da Bahia, 1055

A guerra do Brasil com a Republica Argentina em 1827

E AS QUESTÕES DO RIO DA PRATA

PELO TENENTE

Amilcar Salgado dos Santos

Obra de cerca de 400 pgs. se acha á venda nas livrarias: "Scientifica Brasileira" á rua S. José n. 11—"Cruz Sobrinho" á mesma rua n. 82—"Leite Ribeiro" á rua Béthencourt da Silva, "Alves" rua do Ouvidor, 66 e nas principaes de São Paulo e Santos.

Acha-se á venda nas mesmas livrarias:

A GUERRA DA INDEPENDENCIA

— POR —

Amilcar Salgado dos Santos

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina, do Exercito Argentino, a proposito da Campanha de 1851-1852

PELO

Capitão Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Marchas (Organisação das) — pelo Capitão Nito Val.....	3\$000
Campanhas Brasil-Rio da Prata — pelo mesmo	3\$000
Notas sobre a Historia Militar do Brasil — pelo mesmo.....	2\$000
Notas sobre Jogo da Guerra — pelo mesmo	2\$000
Organisação e tactica (Cavalleria) — pelo mesmo	10\$000

A' venda na Papelaria Macedo—Rua da Quitanda, 74 e Livraria Editora de Leite Ribeiro — Rua Bittencourt da Silva

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

N.º 131

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1924

Anno XI

UNIDADE DE DOCTRINA

Para que se possa ficar em condições de resolver os problemas que se apresentam nos diversos ramos da actividade humana, é preciso empregar a intelligencia em um trabalho constante no ambito da actividade considerada, afim de crear uma *mentalidade*. Obtida esta, todos os conhecimentos adquiridos passam ao *reflexo*, e as soluções dos casos, os mais imprevistos, surgem com certa rapidez, mesmo instantaneamente para aquelles que forem dotados de qualidades especiaes.

Dos espiritos profundamente cultos e com longo tinocinio formam-se verdadeiras *personalidades*; as soluções revestem-se, então, de um cunho pessoal, dando logar á *originalidade*, caracteristico dos espiritos de escól.

Os problemas tacticos, que interessam a uma collectividade, são assás complexos, porque, além dos factores materiaes, abrangem os de ordem moral.

Por essa razão, todos os officiaes devem ter sempre presente tal difficuldade, ficando bem certos que, na hora da crise,

isto é, na guerra, só podem ser bons chefes os que estiverem educados para agir, na occasião da luta, pelos reflexos.

Já os regulamentos antigos diziam em 1906: Para o combate, é preciso antes de tudo, *chefes que saibam raciocinar* e habituados á iniciativa.

E', com effeito, nos momentos criticos, sob a emoção dos acontecimentos, quando as faculdades do chefe estão abatidas pela fadiga, que se manifesta a superioridade do espirito acostumado a estudar e resolver os problemas tacticos, os reflexos-fornecendo meios de solucionar o caso em fóco, sem esforço, sem precipitação, de um modo simples e rapido, em tempo opportuno, e dentro da situação de momento, por mais perigosa que ella seja.

Dependendo de elementos mui variaveis, os problemas tacticos não podem ter soluções de character mathematico, resultantes do emprego de formulas; cada um delles deve ser encarado sob o aspecto que apresenta a situação que o gerou, sendo as modalidades tão diversas que tornam falsa a solução modelada em

outra já conhecida, embora em situação semelhante.

Isso quer dizer simplesmente: *os esquemas devem ser inteiramente banidos.*

Para resolver esta ordem de problemas, é naturalmente necessario o *sensu* alliado á *inspiração*; mas, subordinados ambos a uma série de contingencias: *a missão, as possibilidades do inimigo, o terreno, os meios, as condições physicas*, etc.

O trabalho de analyse destes factores, feito á luz dos conhecimentos hauridos nos principios regulamentares, *desenha* ao chefe o quadro sem similar da situação, inspirando-lhe a synthese respectiva, consubstanciada na *decisão* e na *ordem*.

Sem duvida a *Tactica* é a arte do bom *sensu*, mas do bom *sensu* adquirido pelo trabalho constante e, para resolver conscientemente os seus problemas, sem contar com a *Sorte*, é necessario ter uma *Doutrina* e um *Methodo*, que decorre della. Sómente dessa maneira poder-se-á conseguir que os officiaes de nosso Exército encarem os problemas sob o mesmo ponto de vista e, em consequencia, obtenham soluções que jamais poderão ser contradictorias.

E' a *disciplina intellectual* mantendo a uniformidade de pensamento.

Por ahí vemos que o official chamado a resolver um problema tactico tem de

subordinar-se á *Doutrina* e ao *Methodo*; aquella, constituida pelos principios fundamentaes contidos nos regulamentos, simples e numerosos, assentes em bases solidas, decorrentes da pratica e do bom *sensu*; este, formado pelo raciocinio tactico, a *decisão*, a *ordem*.

Nota-se ainda que por mais ferteis que sejam as qualidades de imaginação de quem resolve um tal problema, ellas servirão, apenas, desde que estiverem sujeitas ao *methodo* para dar mais brilho á *solução*.

E' forçoso ter sempre presente que, *sendo a guerra a lucta entre duas vontades*, sahirá vencedora, em igualdade de condições, aquella que fôr mais firme e bem orientada; porém, para exercel-a, é preciso *saber agir* racionalmente.

O espirito deve, pois, ser cultivado com esse objectivo, e por ser longa a aprendizagem é mister despender um esforço constante e progressivo, visando operar pelos reflexos nos momentos criticos, para produzir uma *decisão firme, logica e precisa*.

Que é necessario conseguir, pois, em primeiro lugar?

A mais perfeita unidade de doutrina como base de todos os esforços.

Do livro — O Raciocinio Tactico

*Cmts. Paes d'Andrade e
Silio Portella.*

DESTACAMENTO DE LIGAÇÃO

(COLLECTANEA)

I. — Da Instrucção (franceza) de 28. 12. 1917 sobre a ligação para as tropas de todas as armas.

Capitulo II — Agentes de ligação da a. junto á i.

8. A a. não póde actuar efficazmente senão estando em ligação intima com a i. para a qual ella trabalha.

Essa ligação se estabelece:

a) Mediante contactos frequentes entre os officiaes da i. e da a, cujos P.C. *devem ser situados proximos uns dos outros sempre que isso seja possivel*, comtanto que o com. da i. e o da a. fiquem assegurados nas melhores condições;

b) Pelos agentes de ligação destacados pela a. junto á i.

Destacamento de ligação. (1)

9. Durante os periodos de operações activas, offensivas ou defensivas, cada grupamento, subgp. ou g. de a. c. ou de a. p., em missão de apoio directo á i. destaca junto desta um official, *chefe da ligação*, que tem ás suas ordens num *destacamento de ligação*, constituido de: graduados e soldados esclarecedores e agentes de ligação;

Telephonistas e signaleiros com o material necessario (telephone,apparelhos opticos, bandeirolas, etc.)

Sua *missão* consiste em informar (2):

a) O chefe que o destacou — sobre a situação e as necessidades da i. e transmittir-lhe os pedidos de tiros desta, sob forma utilisavel pelas bias.;

(1) Por principio o dest. de ligação nada tem que vêr com a observação do tiro. Esta ultima missão deve ser considerada como exclusiva de qualquer outra e é assegurada por um pessoal especial, em condições determinadas para cada caso particular pelo cmt. do g.

(2) A instituição dos dest. de ligação, não dispensa os respectivos cmt. de g. ou de gp. de irem frequentemente tomar contacto com os cmt. de i. com os quaes devem collaborar.

b) O cmt. da i. junto ao qual est destacado — sobre o apoio que lhe póddar a a. que elle representa.

O *plano das ligações* de cada D. fixa a composição e a distribuição do dest. de ligação (3). Antes de sua partida o *official de ligação* (chefe da ligação cmt. do dest. de lg.) recebe do chefe que o expede indicações muito precisa sobre:

- 1.º Os programmas de tiro estabelecidos;
- 2.º As posições e as possibilidades de tiro das bias.;
- 3.º Os consumos de munição admitidos;
- 4.º A natureza do abastecimento das bias.;
- 5.º As previsões sobre mudanças de posição;
- 6.º A natureza das informações reputadas como as mais necessarias e mais importantes.

E' preciso além disso que o chefe da i. junto ao qual o off. de ligação está destacado lhe faça conhecer:

a) antes da operação:

- 1.º) Os pormenores do desenvolvimento projectado para a manobra da i.;
- 2.º) Os signaes convencionaes previstos;
- 3.º) Os locaes successivos de seu P.C.

b) Durante a operação

- 1.º) As informações que elle receber sobre a locação de sua primeira linha e a do ini.;
- 2.º) Suas intenções.

Tambem antes de sua partida o off. de ligação deve estudar cuidadosamente o sector onde vae operar a unidade onde é destacado. Esse estudo deve comportar não só o exame aprofundado do plano

(3) Aos cmt. de btl. ou de r. de primeiro escalão.

director, dos planos em relevo e das photographias, mas ainda reconhecimentos á vista, a executar dos observatorios que permittam descobrir a região interessante. Deve ainda preparar suas cartas e as de seus auxiliares, marcando nellas as zonas de acção dos g., os limites de alcance, as zonas de angulo morto, as zonas desenfadas aos observatorios terrestres e os locais provaveis dos observatorios futuros.

10. Para corresponder-se com a sua a. elle emprega o telephone, na falta delle a optica, servindo-se do pessoal do seu dest., e eventualmente pombos correios. Elle póde alem disso utilizar, se necessario fôr, com autorisação do respectivo cmt., as cadeias de mensageiros da i., e mesmo seus postos emissores de T. S. F. e a T. P. S. (4).

A ligação telephonica entre a i. e a a. de apoio directo é dupla: um circuito estabelecido e conservado pela a., outro pela i. Essa dupla ligação i. — a. em periodo de estabilisação deve systematicamente ter itinerarios differentes; ao contrario, quando se trata de prolongal-os em caso de avanço, que é então necessario ganhar tempo na installação e economisar pessoal, pode-se ahi adoptar um traçado commum ou tomal-os muito visinhos.

O chefe da ligação (cmt. do dest. lg.) marcha em principio com o cmt. da unidade ao qual o plano das ligações o distribuiu, mas fica subentendido que o desempenho de suas funções póde obrigal-o a afastar-se momentaneamente (reconhecimentos, inspecção do trabalho do seu pessoal, retomada de contacto com

a sua a., etc.) Em tal caso elle deixa junto ao cmt. da unidade de i. um sgt. com o pessoal necessario.

11. Em periodo de estabilisação as ligações entre a i. e a a. inspiram a sua organisação nas indicações precedentes. O objecto é sempre o mesmo: assegurar á i., com oportunidade, o apoio effizaz da a. A importancia dos meios de ligação a empregar (composição do dest. de lg.) varia conforme a situação.

II — De uma aula do cmt. Bresard na E. A. O. (Notas do cap. Thimoteo F. Machado). Informações dadas e pedidas pelo cmt. um dest. de ligações enviado pela a. á i.

- a) Informações que o off. de lg. dá:
1. Numero de peças.
 2. Calibres.
 3. Dotação de munições.
 4. Posições: a) das bias.
b) dos observatorios.
c) dos P.C.
 5. Deslocamentos previstos.
- b) Informações que o official de lg. pede:

Em uma acção offensiva

- 1.º Quanto ao terreno:
 - a) base de partida;
 - b) objectivos successivos;
 - c) objectivo final.
- 2.º Quanto á manobra:
 - a) dispositivo inicial;
 - b) passagem de linhas.
- 3.º Quanto aos tiros:

objectivos:

 - a) da preparação,
 - b) do acompanhamento,
 - c) da protecção.

Em uma acção defensiva.

- 1.º Quanto ao terreno.
 - a) posições actuaes ou avançadas;
 - b) posição principal de resistencia;
 - c) posições diagonaes.
- 2.º Quanto á manobra:
 - a) dispositivo inicial;
 - b) recuo eventual;
 - c) contrataques locais previstos;
- 3.º Quanto aos tiros:

objectivos:

 - a) da contrapreparação
 - b) de deter.

(4) Para que este ultimo processo possa ser empregado importa collocar, desde que seja possivel, na proximidade de um dos observatorios avançados do g. ou gp. (observatorio convenientemente ligado á rg. por telephone) um dos postos emissores ou receptores de T. P. S. do R. I., servido pelo pessoal da secção radiotelegraphica do R. I.

Esse posto funciona como intermediario (relais) entre a i. e a a. em caso de intercepção das communicações telephonicas.

III. — Do cel. Tréguier «O que a infantaria deve saber da a.», 2.^a ed., 1923.

Capitulo VII — Ligação da a. de apoio directo com a infantaria.

Em certa epoca da guerra pensou-se que se obteria mais rapida e mais facilmente a intervenção dum grupamento da artilharia de apoio directo se o cmt. desse gp ficasse ao lado do cmt. do R. I. ao qual devia apoiar; e se quiz generalisar esse systema, tanto para a offensiva como para a defensiva.

Pelo caso precedente viu-se que não é sobretudo o tempo necessario á transmissão da designação do objectivo pelo cmt. da i. apoiada ao cmt. do gp. de apoio directo o que torna difficil e tarda a intervenção desse gp. Demais, se o cmt. da a. de apoio directo está junto do cmt. da i. apoiada, sempre elle mesmo precisará de tempo para transmittir ás bias. a designação do objectivo.

O que é incontestavel nessa juxtaposição dos P.C. é que o cmt. da a. de apoio directo estará mais bem informado da situação da i.; suas ordens para a intervenção da a., se for o caso, serão mais nitidas, mais adequadas, mas os elementos de tiro para bater um objectivo dado nem por isso serão mais precisos.

Entretanto a juxtaposição dos P.C. deve ser realisada sempre que possivel. O que é preciso é que ella não seja sempre obrigatoria, porque póde resultar grave inconveniente no ataque. Com effeito, si o cmt. do gp. se desloca ao mesmo tempo que o cmt. da unidade de i. suas ligações cessarão de tempos em tempos, seja com suas bias., seja com o cmt. da A. D.; ellas alongar-se-ão e ficarão, portanto, mais precarias, mais expostas a serem cortadas, de modo que o cmt. de gp. arrisca-se a não poder mais commandar seu gp., a não receber mais ordens do cmt. da A. D.

E' preciso não esquecer que o combate que se trava não é só de um R. I. mas é da D. I., e que pódem produzir-se taes eventualidades que levem o cmt. da D. I. a fazer intervir um gp. de apoio directo de um R. I. na frente de um outro R. I. De modo que é necessario que o cmt. de gp. de apoio directo poss. receber ordens e possa dar ordens, para o que o seu P.C. não póde estar constantemente a deslocar-se.

Certamente elle deve de vez em quando ir tomar contacto com o cmt. do R. I. inteirar-se da situação do combate, fazer reconhecimentos pessoases necessarios. Mas elle deve ter um P.C. com uma certa estabilidade, para onde lhe sejam transmittidas as ordens e de onde elle mesmo transmitta ordens a suas unidades.

Uma nota do G. Q. G. de 25. 10. 1918 assim se exprime: «Em certas D. I. o lugar dos cmt. de gp. de a. foi imposto ao lado do dos cmt. dos R. I. Ao cabo de pouco tempo as circunstancias da batalha fizéram levar os P.C. muito para a frente, com vistas a garantir a direcção do combate dos R. I. As ligações da a. então se alongaram de modo excessivo e tornaram-se precarias. O cmt. de gp. teve por isso que fazer-se substituir nas suas funções por um cmt. de g., os e. m. resultaram dahi desorganizados e mal empregados.

Os cmt. de gp. devem escolher seus P.C. de maneira que assegurem *nas condições as mais garantidas* o commando de suas unidades, a ligação com a autoridade superior e a vigilancia do campo de batalha».

Em resumo, póde-se concluir que as mais das vezes num ataque o cmt. do gp. de apoio directo *não* estará junto do cmt. da i. que elle apoia. Elle terá sempre junto a este, como seu representante, um *official de ligação*.

Qual será o papel deste official de ligação durante o ataque?

Esse papel será principalmente inteirar-se da verdadeira situação da i. a apoiar e de suas necessidades, quando as correspondentes informações cheguem da primeira linha ao cmt. do R. I. Dahi elle deduz, de accôrdo com o cmt. do R. I., o auxilio que a a. deva fornecer-lhe; julga da possibilidade dessa intervenção, do tempo provavel necessario para que elle possa produzir-se e como deverá ser produzido.

Por outro lado, para estar bem senhor das possibilidades das unidades de seu gp. e tambem para nesse sentido informar a infantaria, si necessario, o official de ligação devé estar bem ao par das differentes missões que essas unidades receberam e dos meios de que ellas dispõem em munições.

O official de ligação não é, portanto, como muitas vezes se é tentado a crêr, um simples agente de transmissão, encarregado de transmittir á sua a., em

liguagem de a., os pedidos da i. Ao mesmo tempo conselheiro tecnico do cmt. da i. e com a delegação, por assim dizer, de tomar decisões pelo seu cmt. de gp., este official de ligação não póde ser como entretanto *erradamente occorreu durante a guerra*, um official joven, sem experiencia, ás vezes pouco ao corrente do officio e dotado mais de bôa vontade do que de senso e saber.

O official de ligação deve ser de preferencia o immediato do cmt. de gp. ou, em todo caso, um official experimentado.

IV. — Da E. E. M., 10 conferencia do curso de a. pelo cel. Pascai pag. 25 a 33.

«A Defesa Nacional» podia promover o levantamento da barreira imposta á publicação pela nota «Reservado», opposta a esse trabalho, e incumbir-se de sua versão e divulgação.

Itaypús (Santos), junho de 1924.

Major Klinger.

A Manobra da Infantaria

Trechos extrahidos do livro dos Cmts. Barrand e Paes d' Andrade

Vamos agora fazer uma applicação desses principios ao caso mais simples, mais elementar: *a manobra de alguns grupos de combate*; e, para respeitar os laços tacticos, tomaremos a mais pequena unidade contendo alguns G. C. sob o commando de um chefe — *o pelotão*.

Isso nos levará a estudar a manobra elementar da Infantaria: *manobra por desbordamento e por envolvimento*.

Mas, antes de proseguir, insistamos sobre um ponto essencial, que tudo dirige na execução da manobra: Uma vez sub-

mettidas ao fogo da infantaria inimiga e empenhadas no combate, as *unidades engajadas só podem actuar frente ao inimigo*; a potencia do fogo é tal que torna-se impossivel qualquer movimento lateral. Todo movimento desta natureza collocará a unidade sob o feixe de uma arma automatica qualquer, e será a morte immediata.

Naturalmente, isso só acontecerá em um terreno batido pelas balas; com a protecção dos angulos mortos e coberturas das cristas, podem ser executados movimentos lateraes.

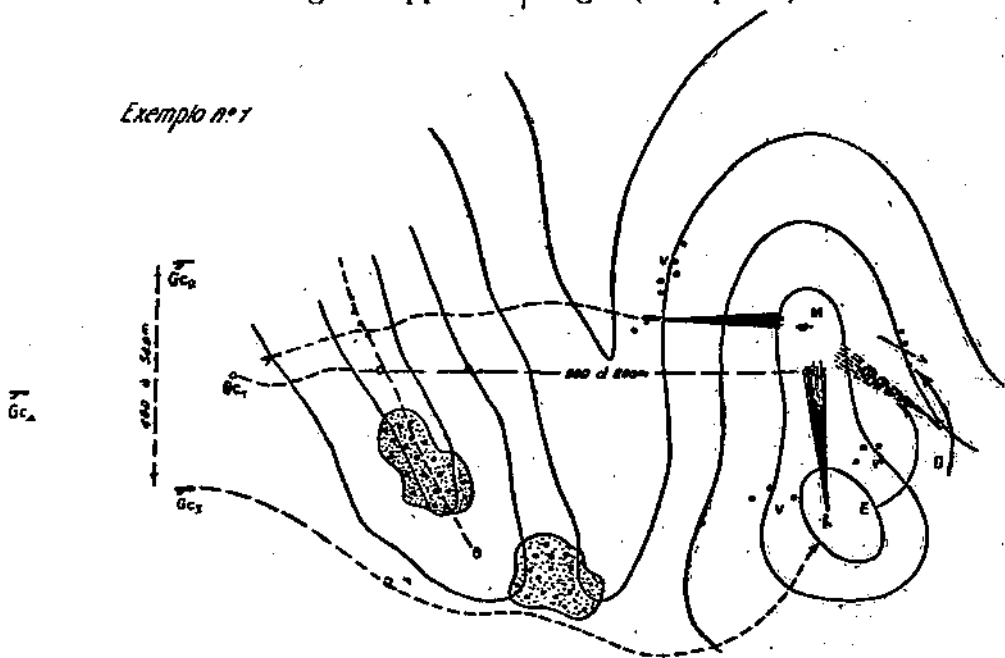
É o axioma bem conhecido: *Não se manobra sob o fogo.*

Em 1870, a Guarda prussiana atacando na planície de Saint Privat, no dia 18 de Agosto, e tendo necessidade, para executar sua manobra, de fazer um movimento de flanco sob o fogo dos atiradores francezes, não conseguiu approxi-

O commandante dispoz seus grupos de modo a cobrir toda a zona de acção da companhia, formando como que os dentes de um ancinho (400 a 500 metros).

Chegando á crista *A B*, o grupo de combate *G. C.* recebe tiros de *M*, onde se acha collocada uma metralhadora inimiga (exemplo 1).

Exemplo n.º 1



mar-se a mais de 800 metros da posição e perdeu 7.000 homens de seu effectivo, que era de 11.000.

E os francezes, nessa época, ainda não possuíam metralhadoras!

Entretanto, si não é possível manobrar sob o fogo, pôde-se marchar; mas, sómente em frente e sempre em frente, e, naturalmente, combinando o fogo e o movimento.

*

Como é possível, então, executar a manobra, tendo por fim chegar até ás posições que permitem tomar o inimigo de flanco, attingindo os objectivos escolhidos e determinados?

O problema parece apresentar sérias difficuldades, o que é real: mas, tem, aliás, uma solução.

Tomemos pequenos casos concretos, de accôrdo com o nosso *methodo de instrucção*.

Um pelotão que marcha como vanguarda de uma companhia, por sua vez

vanguarda de um batalhão, vae de Oéste para Este.

Si os tiros da metralhadora são dirigidos normalmente, logo que transpuzerem a crista, os homens da esquadra de volteadores serão obrigados a deitar-se no chão. O fuzil-metralhador do grupo será, então, installado na crista para fazer calar os fogos da metralhadora. Começa, nesse momento, a ser restabelecida a mais elementar combinação de fogo e movimento: o fuzil atirando para que os volteadores possam fazer um lance.

Si o *G. C.* consegue transpor a crista, em um certo momento a sua progressão será impedida pelo fogo da metralhadora. Para continuar a progressão é preciso, então, realizar a manobra, lançando para a frente um outro grupo que transportará sua arma automatica para *E*, afim de tomar de flanco, com fogos de enfiada, a metralhadora *M*, forçando o inimigo a retirar-se, ou, se teimar em ficar sobre a posição, a receber o assalto dos *G. C.* e *G. C.*, apoiados pelos outros grupos.

Si o G. C₃, alcançar E, terá realizado o que se chama *desbordamento*; mas, esse movimento só é possível com o apoio do G. C₁, que manterá a metralhadora sob seus fogos enquanto o G. C₃ progride.

Eis em que consiste a manobra elementar para o desbordamento.

Póde acontecer que, chegado a E, o G. C₃ não possa agir pelo fogo devido á existência de um obstaculo natural (ondulação do terreno, etc.) interposto entre M e E; o fogo continúa a ceder lugar ao movimento e o G. C₃ vae continuar á progredir até alcançar uma posição favoravel D, que permita abrir o fogo, ou aproveitar a occasião para continuar o movimento até poder apanhar o inimigo pela retaguarda. O *desbordamento* transforma-se, então, em *envolvimento*.

Para executar tanto um como outro, o movimento do G. C₃ só é possível, apoiado pelo fogo do G. C₁.

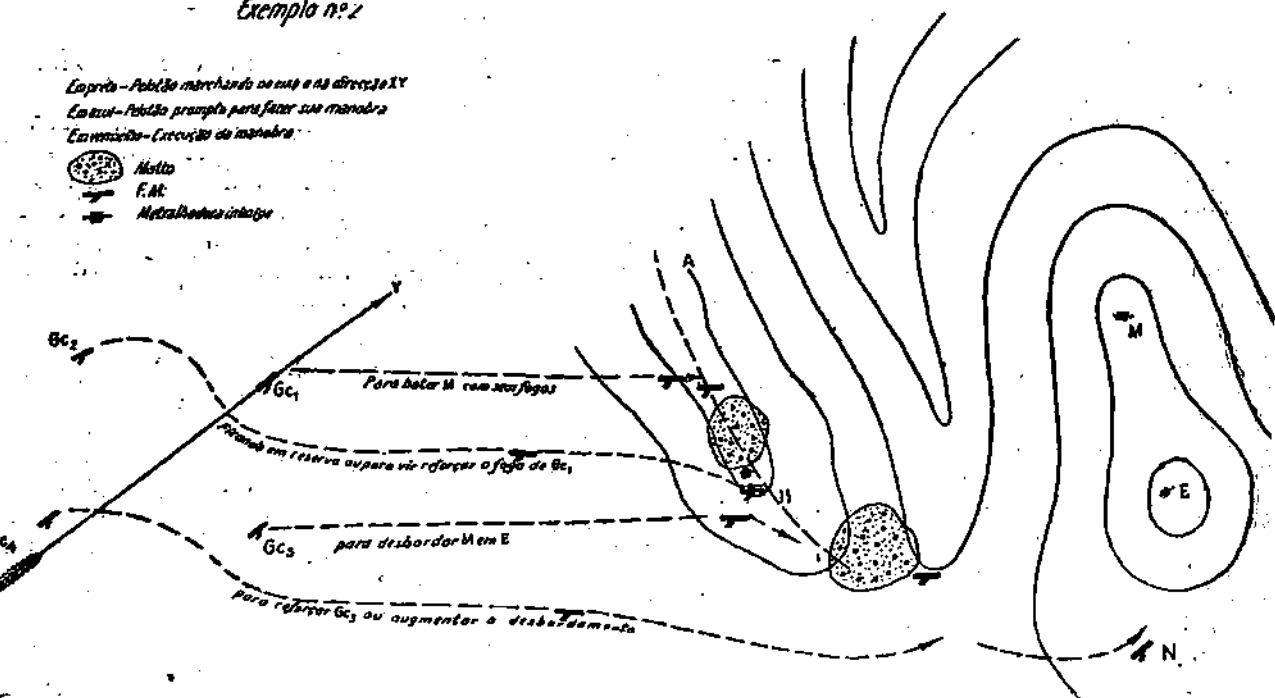
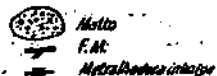
Vejamos agora uma varianté. Consideramos o pelotão marchando exactamente na direcção do inimigo, supposto em M; supponhamos agora que elle marcha de S. O. para N. E. tendo alcançado a posição do exemplo n. 2.

Exemplo n.º 2

Capta - Pelotão marchando de S. O. e na direcção N. E.

Capta - Pelotão pronto para fazer sua manobra

Capta - Execução da manobra



O seu commandante recebe do capitão informação que o inimigo se acha em M, e tambem a ordem de atacal-o.

O que fará elle?

a) Mudará a frente de seu pelotão de N. E. para M; todos os grupos frente a Este;

b) Conceberá sua manobra, para o que observará primeiramente o terreno de um ponto da crista A - B; desbordamento pelo Sul (objectivo a atingir, o mamelão E);

c) De accôrdo com a manobra concebida, collocará seus grupos de combata, frente aos objectivos: G. C₁ sobre a crista A B, frente a M, prompto a bater M com seus fogos; G. C₃ em direcção do matto Sudéste de B, frente a E, que é o seu objectivo; G. C₂ escalonado á retaguarda e á direita de G. C₁ para reforçar G. C₃, ou para ampliar o desbordamento, e mesmo fazer o envolvimento de M. Emfim, G. C₂ em reserva, na retaguarda do G. C₁ prompto a reforçar G. C₃, vindo até B para atirar sobre M ou ligar as accões de G. C₁ e dos grupos de manobra G. C₃ e G. C₄.

Todos esses movimentos e tomadas de posição, serão feitos a coberto atraz da crista A - B. Si não existisse essa crista, e o terreno apresentasse sómente pequenas ondulações, o dispositivo para o ataque seria realizado de muito longe, 2.000 metros ou mais.

Da mesma fórmula que no primeiro caso, cada grupo seria collocado, desde essa distancia, frente a seu objectivo particular.

No exemplo desenvolvido mais atrás, vimos que a idéa de manobra, para atacar o ponto *M*, era de engajar, contra a metralhadora, o G. C₁ e manobrar com o G. C₃, afim de occupar *E*, e poder dahi atacar de flanco a posição inimiga de *M*; mas, supponhâmos que o G. C₃, no seu avanço para *E*, foi também recebido, depois do bosque *B*, a tiros partidos de *E*. A sua acção torna-se, desde esse momento, identica á do G. C₁, isto é, não pôde senão atacar direito sobre *E*, sem fazer movimento algum lateral.

O que faz nesse caso o commandante do pelotão?

Lança o G. C₄, afim de procurar a acção do G. C₃ ou reforçal-o, si fôr o caso.

Esse grupo fará, então, em relação ao ponto *E*, o mesmo que o G. C₃, fazia em relação a *M*, isto é, procurará uma posição *N*, de onde possa agir com fogos de flanco sobre o inimigo de *E*.

Caso o inimigo do ponto *E* ceda, pelo desbordamento feito pelo G. C₄, continuará para o G. C₃ a missão de *desbordar M*, e para o G. C₄ a de fazer um movimento mais amplo, visando o *envolvimento*.

B) DISPOSITIVO PARA A MANOBRA — DOSAGEM DOS ESFORÇOS — ESCALONAMENTO EM LARGURA E PROFUNDIDADE — RESERVAS

A manobra uma vez concebida e projectada, determinados os *objectivos* a atingir de accôrdo com a *situação tactica*, as *possibilidades de acção do inimigo* e o *terreno*, torna-se necessario regular a *economia das forças*, isto é, sua repartição no tempo e no espaço: *no tempo*, para deixar ás tropas, mais ou menos afastadas, a possibilidade de percorrer o espaço que as separa dos logares em que devem actuar; *no espaço*, afim de ficar o *mais possivel* em frente aos pontos em que se quer fazer um maior esforço, do qual se esperam resultados mais consideraveis, isto é, onde o chefe quer exercer sua vontade, attingir o fim ou o *Objectivo momentaneamente fixado, principal e decisivo*.

Em consequencia, é preciso ser *fraco* ou *menos forte* em frente aos pontos sobre os quaes se deseja fazer um esforço menos consideravel, que pôde simplesmente, em certos casos, reduzir-se a

resistir, detendo os esforços feitos pelo inimigo.

Este esforço *menos forte* pôde, ulteriormente, tornar-se *principal e decisivo*, possibilidade esta permittida pelo jogo dos reforços, e das reservas, regulado de antemão ou em consequencia de certas eventualidades.

Não se trata, pois, de regular o emprego dos meios segundo as facilidades ou difficuldades das zonas em que vão ser applicadas, mas, visando, antes de tudo, a *importancia dos resultados* que se quer obter.

E' desse modo que se faz a applicação do principio, que o regulamento francez denomina *principio da manobra do forte contra o fraco*: agir em *força*, com o maximo de meios lá onde se supõem existir as fraquezas do inimigo; porque, as partes em que se espera um resultado importante são naturalmente aquellas onde se verifica que o inimigo está *menos forte*.

Essas fraquezas são, em principio, *encontradas*, infallivelmente, nas alas, sendo ahi que podemos melhormente applicar nossos meios de fogo, si conseguirmos desenvolver a manobra *por desbordamento*.

Taes fraquezas podem-se apresentar, ás vezes, no interior de uma frente irregularmente mantida ou defendida; então, o engajamento preliminar do combate terá por fim o reconhecimento do ponto em que será exercida nossa acção *em força*. O fim nesse caso particular, porém, é sempre o mesmo: tomar de flanco uma parte da frente inimiga, depois de ter nella feito uma brécha, procurando sempre o seu *desbordamento*.

Tanto num como noutro caso, o desbordamento pôde conduzir ao *envolvimento* de toda ou parte da frente a atacar.

Com meios de acção determinados (divisão, regimentos, batalhões, companhias ou mesmo pelotões), e para executar uma manobra concebida tendo determinado uma certa economia de forças, como applicar o principio da acção *do forte contra o fraco*?

1º. Fazendo agir sobre frentes sensivelmente iguaes, alli uma unidade, aqui duas ou tres; produzindo-se, evidentemente, neste ultimo caso um esforço duas ou tres vezes maior.

2º. Affectando, ás unidades da mesma categoria, zonas de acção de larguras differentes, e tanto mais estreitas quanto os esforços que queremos produzir forem mais consideraveis e importantes.

O R. E. C. I. diz, falando da companhia, em formação de combate, ao sahir de uma base de partida:

— «Para o assalto de um ponto seriamente organizado, a frente de combate da companhia é, no minimo, de 200 metros, podendo, entretanto, ser augmentada, nomeadamente quando o inimigo não tem tempo de entrincheirar-se solidamente, alcançar 400 ou 500 metros, mesmo um pouco mais si o terreno fôr particularmente descoberto».

Ainda falando do batalhão, diz o mesmo regulamento:

— «A frente de ataque é variavel. No ataque á posições organizadas, é de 400 ou 500 metros, podendo ir ao dobro, algumas vezes ao triplo, em terreno livre; mas, nesse caso, como bem se pôde perceber, o batalhão não actuará energeticamente senão em uma parte de tal frente».

Supponhâmos, por exemplo, um terreno uniforme em toda a frente A-C, na qual vamos fazer agir um regimento, com dois batalhões em primeiro escalão (fig. A).

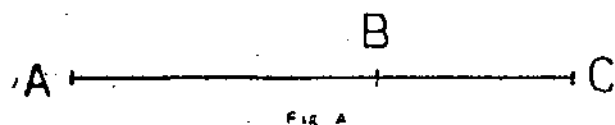
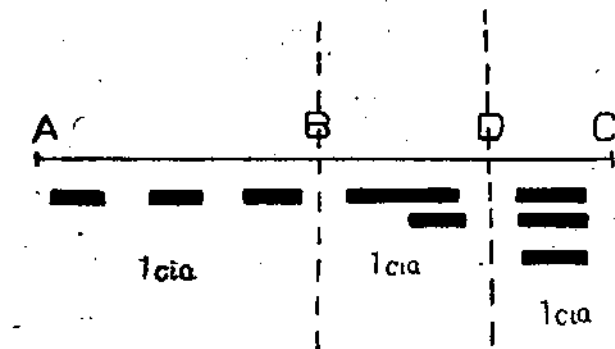


FIG A

Considerando a conquista do objectivo como mais decisiva do lado de C que do lado de A, o coronel fará o batalhão da direita tomar a si o ataque da frente B-C, nitidamente menor que A-B e o batalhão da esquerda atacar A-B.

Supponhamos ainda, um batalhão agindo sobre uma frente A-C (fig. B).



Com a idéa de manobra de fazer um esforço sobre B-C maior que sobre A-B, porque daquelle lado suppõe-se o inimigo menos forte, a acção sobre A-B seria feita com uma companhia, e sobre B-C com duas, admittindo A-B igual a B-C.

Mas, se quizermos um esforço ainda mais possante do lado de C, que do lado de B, applicaremos uma das companhias da direita sobre uma frente C-D, nitidamente inferior a B-D. Assim, teremos as tres companhias applicadas em frentes cada vez menores para o lado em que queremos obter maior resultado.

3º. A consequencia dessa maneira de proceder é que, lá onde var fazer o maior esforço, pela diminuição da largura da zona de acção, obteremos um escalonamento em profundidade mais consideravel que do outro lado. Então, quanto menor fôr a frente, de accôrdo com o esforço a realizar, tanto maior será o escalonamento em profundidade.

No conjunto de um dispositivo, esse escalonamento é mais consideravel ainda; com effeito, o chefe não age sómente com as tropas que engaja *a priori*, mas também com suas reservas, cujo fim não é unicamente o de parar os imprevistos e sim de serem empregadas de accôrdo com a manobra concebida, do lado do maior esforço, onde se procura o resultado decisivo (fig. C).

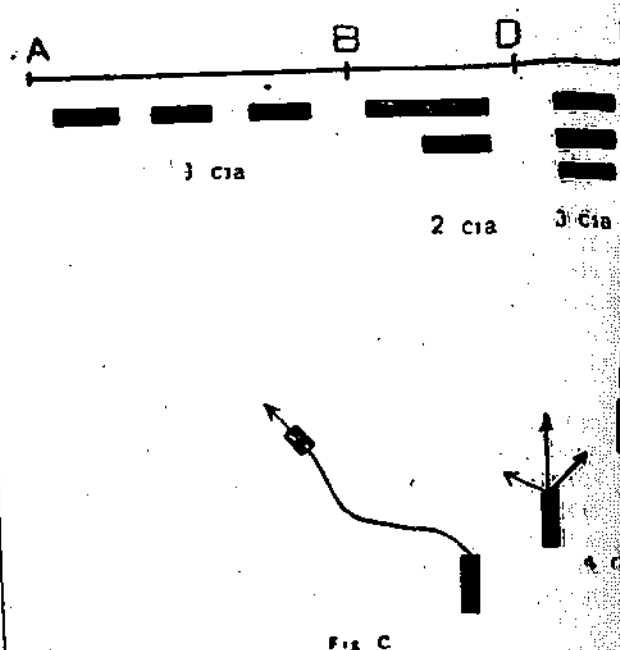


FIG C

— « O emprego das reservas é dominado pela vontade nitida de as engajar nas zonas em que o inimigo cede », diz o regulamento francez. O R. E. C. I., secunda: « o logar das reservas é, pois, atraz das unidades as mais profundamente escalonadas, face ás partes da frente inimiga consideradas como podendo ser *as mais fracas* ».

Por outro lado, como as reservas não são engajadas ao mesmo tempo, e sim com parcimonia e successivamente, encontramol-as escalonadas em profundidade, e tanto mais quanto possam ser chamadas a uma acção fóra do eixo previsto para o seu engajamento

A *idéa de manobra* e depois a determinação dos objectivos traduz-se, portanto, pelo dispositivo das tropas *face a seus objectivos*, e pelo seu escalonamento (*escalonamento em profundidade*).

Em summa, a repartição das tropas, em largura e profundidade, depende da frente a atacar e da zona em que se quer applicar o esforço principal.

Póde acontecer, entretanto, que essa zona não se ache de antemão determinada; então, engaja-se por toda parte, mantendo as reservas promptas a agir, e o mais longe possível, de modo a poder-as deslocar lateralmente caso seja preciso, de accôrdo com as determinações de um ponto fraco.

Uma consideração importante: seja qual fór o cuidado empregado na dosagem dos esforços, dando a cada unidade uma zona de accôrdo com o resultado que se deseja obter, evitar-se-á, no escalonamento em largura, dar a um commandante de unidade a responsabilidade de uma frente fóra de proporções com seus meios de acção e de commando. Por isso, é prudente não passar de uma frente de 500 a 600 metros para uma companhia, 1.800 a 2.000 metros para um batalhão e 3.000 a 3.500 metros para um R. I.

Do mesmo modo si o escalonamento em profundidade das forças permite a successão e assegura a duração dos esforços, facilitando o exercicio do commando, é preciso não chegar até uma densidade excessiva que só se poderia obter em prejuizo da profundidade e custar perdas graves.

O escalonamento em profundidade traduz a *noção do esforço maximo*, que o regulamento chama *esforço principal*; to-

dos os chefes de infantaria, até o coronel, devem tel-a muito nitida e absolutamente firme, porque essa noção não póde ser separada da idéa de manobra, da qual é a traducção completa e litteral.

Na *ordem*, porém, não convém *determinar* a unidade que vae fazer o esforço principal; mas, quando seja necessario dar uma idéa da importancia que o chefe liga a um esforço dessa natureza em um certo ponto, dir-se-á simplesmente: *Esforço principal com a direita* (esquerda), não determinando taxativamente a unidade que vae produzil-o. Mas, isso só acontecerá em casos restrictos.

O R. E. C. I. é muito prudente quando, a proposito da conducta do R. I. diz: « No seu espirito (do coronel) haverá a idéa do esforço principal, mas todos os elementos empenhados na acção atacarão a fundo, sem segunda intensão. As expressões — *esforço principal e esforços secundarios* não figurarão na sua ordem.

Si o *dispositivo geral* das forças, pelo escalonamento de suas unidades, revela o esforço principal, e caracteriza a idéa de manobra, no interior dessas unidades o dispositivo dellas traduz, tambem, a idéa de manobra do seu commandante. No exemplo citado o commandante do pelotão, que marchava sem ter nenhuma noticia do inimigo na frente da zona de acção da companhia-vanguarda, e que, para explorar todo o terreno em sua frente tomou a formação de losango, tinha um dispositivo muito razoavel; porque, encontrada a resistencia inimiga pelo primeiro grupo, um segundo estava já escalonado á direita ou á esquerda, prompto a manobrar por desbordamento do lado em que o terreno fosse mais favoravel.

No segundo exemplo, tendo informação da presença do inimigo em *M*, e querendo fazer o desbordamento pela direita, obrigado pelo terreno, teria escalonado, de antemão ou atraz da crista *A - B*, os seus grupos uns atraz dos outros, de modo que, progressiva e successivamente pudesse desbordar uns aos outros, conservando ainda disponivel o quarto grupo.

O commandante do pelotão modificaria sua formação de accôrdo com a manobra concebida no momento.

O capitão da companhia e o major agiriam do mesmo modo.

Nas unidades subordinadas, pois as *for-
mações* traduzem também a idéa de ma-
obra de seus chefes.

As formações symetricas, á esquerda
á direita de um eixo de marcha, não
são uma idéa de manobra bem nitida,
são formações tomadas, *a priori*, ainda
longe do inimigo, quando não se tem
idéa alguma sobre as suas possibilidades
de acção: formação em triangulo com
o vertice para a frente ou para a reta-
guarda na companhia ou no regimento,
columna dupla no batalhão.

Quando existe a possibilidade de en-
contrar o inimigo a cada passo, de an-
temão deve-se prever uma manobra, que
ficará em estado latente, prompta a sur-
gir: caso das marchas de approximação,
engajamento, perseguição.

No caso de ataque a uma certa frente,
as formações irregulares começam, então,
a apparecer, e já se vae percebendo um
certo escalonamento do lado em que se
póde prever um desbordamento qualquer
ou esforço maior; o pelotão marcha tendo
dois grupos escalonados com ou sem in-
tervallo, a companhia da mesma fórma,
o batalhão escalonando uma, duas ou
tres companhias, etc.

Emfim, ha casos em que estas for-
mações podem ser tomadas de accôrdo
com uma idéa geral de manobra, sobre
uma certa base de partida, para um ata-
que ou assalto: caso de travar o com-
bate depois de ter feito uma approxima-
ção á noite, ou coberto por tropas já
empenhadas (1).

Nessas condições deve ser feita a se-
guinte observação: *todo escalonamento*
isto é, a distancia de um escalão a outro,
é tanto menor quanto os escalões forem
de effectivo mais fraco. No pelotão, um
grupo se escalona do outro apenas de 50
a 100 ou 150 metros; na companhia, um
pelotão distará do outro de 100 a 150
metros, podendo em certos casos ir até
400 metros, conforme o terreno. A com-
panhia póde alcançar uma profundidade
de 1.000 a 1.500 metros, ou mesmo um
pouco mais (companhia em formação de
vanguarda). A' medida que se approxi-
mam do inimigo, e esses escalões entram
nas zonas batidas pelos fogos de arti-
lharia que caracterizam a approximação,
e dos de infantaria característicos do ata-
que, até chegar ao assalto, approximam-se
uns dos outros, justamente pelo motivo
de uma vez empenhados, só poderem

o mais cedo possível para cumprir cada
um o papel fixado pela idéa de manobra.

Assim, o pelotão, que na marcha de
approximação póde ter até 300 ou 400
metros de profundidade, conforme siga
em columna dupla, com um menor esca-
lonamento, ou escalonando dois ou tres
grupos, no ataque terá apenas uma pro-
fundidade de 100 ou 200 metros. O ba-
talhão tendo mais de 2.000 metros na
approximação, durante o ataque as dis-
tancias entre as companhias, serão apenas
de 400 a 600 metros.

Da mesma fórma as *frentes* de acção
serão tanto menores quanto nos appro-
ximemos do inimigo. Assim teremos fren-
tes de assalto.

Os exemplos de formação e combate
que acompanham o R. E. C. I. (2ª parte)
são muito significativos nesse sentido.

Do facto de serem as unidades, prom-
ptas a empenhar-se no combate de ac-
côrdo com as idéas de manobras dos
chefes, e uma vez entradas na zona de
acção inimiga, particularmente na zona
de acção da infantaria inimiga, obriga-
das a reduzir cada vez mais a profun-
didade de seus escalões, deduz-se a ne-
cessidade de tomar, de antemão, o *dis-
positivo particular ou formação* de cada
uma dellas, o qual traduz, no conjuncto
e no detalhe, a *idéa de manobra a exe-
cutar*.

Voltamos, assim, por um outro cami-
nho ao nosso ponto de partida. Todo
Chefe, de qualquer graduação, tendo uma
missão a cumprir, caso encontre o ini-
migo, ou tenha a possibilidade de en-
contral-o, deve, em qualquer desses casos,
ter uma idéa de manobra sempre prom-
pta, que lhe permita cumprir a missão,
custe o que custar. Estabelecida segundo
um raciocinio cujas bases são, fóra da
missão, de um lado a situação tactica,
de outro lado o terreno, ella terá por
fim um *objectivo* preciso, que já apren-
demos a designar, e será traduzida por
um *dispositivo particular*.

Devemos acrescentar que um disposi-
tivo imposto por uma certa manobra só
póde ser tomado fóra da acção do ini-
migo; os preparativos e o desenvolvi-
mento da manobra exigem, a todo custo,
que o chefe esteja em condições de agir
como entender, isto é, tenha garantida
sua *liberdade de acção*.

O conjuncto das medidas que assegu-
ram essa liberdade de acção constitue a

O THEMA D' "A DEFESA NACIONAL"

Com muito atraso temos recebido as soluções do thema a premio; não nos foi possível, por essa razão, dar o julgamento no tempo determinado.

A comissão encarregada desse serviço está certa que ficará desobrigada em o numero de Dezembro proximo.

Accresce mais que, apesar, de todos os contratempos, foi grande o numero de concurrentes, augmentando, por isso, o trabalho.

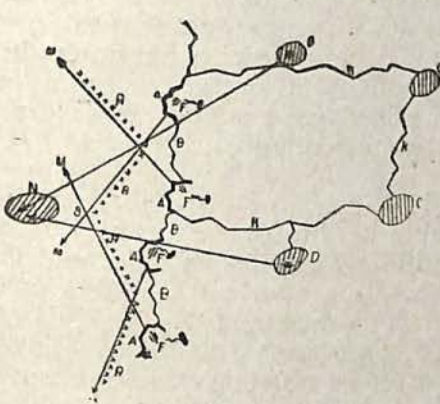
A Redação da Revista confessa-se satisfeita com o bom resultado da iniciativa tomada e tem esperanças que os nossos assignantes cada vez mais se estimulem e percam o acanhamento mandando-nos suas soluções mesmo que as julguem fracas, pois, que ninguém pôde ser o juiz de sua propria obra.

A comissão.

Elementos de um plano de fogos da infantaria

(Notas de aula)

Quando se fixa a decisão de occupar defensivamente uma certa zona do terreno, o primeiro cuidado a ter e collocar os fuzis-metralhadores de modo a conseguir, pelo flanqueamento, uma barragem de fogos cruzados ao longo da linha escolhida para resistir ao ataque inimigo. Esses fuzis, dispostos como em *f*, constituem o esqueleto da linha principal de resistencia.



Os grupos de combate que, em cada pelotão, não são empregados em primeira linha, vão mais para a retaguarda, constituindo as reservas *c*.

Desde que a permanencia no terreno o autorize, em torno desses fuzis-metralhadores *f* formam-se os primeiros elementos de trincheira *a*.

Si for o caso de crearem-se defesas accessorias (rêdes de arame, abatizes) na frente dessa linha de resistencia, ellas são estabelecidas como em *r*, immediata-

mente atraz e ao longo das direcções dos fogos *m* que constituem tal barragem de flanqueamento.

Para que o commando de pelotão possa exercer-se em boas condições, nascem em segunda urgencia as sapas *k*, que ligam os grupos de combate (reserva) *c* aos elementos empregados na barragem de flanqueamento.

Em terceira urgencia, são creados os entrincheiramentos *b*, ligando entre si os elementos em primeira linha, para que haja facilidade de ligações entre elles, permitindo ao mesmo tempo desorientar a investigação inimiga sobre a posição exacta de taes F. M.

Ao longo da barreira de fogos assim constituída, os pontos menos fortes são evidentemente os salientes taes como *s*, onde o atacante procurará primeiramente tomar pé.

No estabelecimento de um plano de fogos defensivos de infantaria ha a considerar as duas phases que interessam á defesa:

1.º) — A phase de approximação e ataque, em que o atacante procura ganhar terreno para a frente até attingir uma linha AB onde possa reunir tropas em numero sufficiente para dahi lançar-se a conquista dos elementos de defesa que reagem por traz dos obstaculos *r*.

2.º) — A phase de assalto, que é definida pelo avanço do atacante reunido ao

ngo de AB para a conquista da linha de defesa.

Ora, tratando-se de defender por qualquer preço a linha principal de resistencia, claro que a 2.^a phase prima sobre a 1.^a porque, afinal, é esta a linha que liberadamente foi escolhida para deter o avanço do atacante.

Por isso, na phase do assalto, o estabelecimento dos fogos de defesa fixa-se, pela ordem de sua importancia, nos seguintes pontos:

1.^o) — Barreira de fogos *m* por flanqueamento, conseguida com os fogos cruzados dos F. M. installados ao longo da linha principal de resistencia.

2.^o) — Tiros de concentração nas zonas, na frente dos salientes da linha, nas aberturas do terreno situadas entre a linha AB e a de resistencia, e na propria linha AB que é a base de partida para o assalto.

Esses fogos são executados pelas mtr. e pelos F. M. dos elementos de reforço ou reserva que, em caso de necessidade, avançarão para as zonas *d* donde melhor possam realizar essas missões de tiro.

3.^o) — Tiros contra os objectivos fugazes que surgirem na zona de assalto, executados tambem pelos elementos do ultimo paragrapho.

Cóm esses tres systemas de fogos temos, em qualquer momento do assalto, a zona entre a base de partida e a linha principal de resistencia completamente batida; não somente metralha-se a primeira vaga atacante, como tambem as que, no mesmo momento, lhe succedem.

Na 1.^a phase, aproximação e ataque, quando o atacante procura ganhar AB e ahí reunir-se em numero sufficiente, o estabelecimento dos fogos de defesa obedece á seguinte seriação:

1.^o) — Tiros contra objectivos fugazes, isto é, contra os grupos mais ou menos numerosos de tropa que procuram transferir-se de uma cobertura do terreno para outra.

2.^o) — Tiros de concentração contra essas coberturas, quando se julga que estejam, sufficientemente occupadas pelo atacantes que procuram ganhar terreno.

Os tiros desses dous systemas são executados por aquelles elementos de reserva ou reforço referidos na phase anterior; si esses elementos de fogo não forem sufficientes, póde-se lançar mão dos elementos de flanqueamento *m*. Todavia,

será a desejar que essa medida não seja posta em pratica, para conservar, até ao momento supremo do assalto, o segredo das posições dos F. M. que fuzilam ao longo da rêde de arame.

3.^o) — Tiros de inquietação e interdição, realizados pelas mtr. P., empregadas em tiro indirecto, si necessario.

O canhão 37 é um contra-metralhadora; no plano de fogos é, em regra, empregado individualmente para, em determinada zona, bater as metralhadoras que ahí se apresentarem.

Os morteiros Stockes, quasi sempre empregados em grupo (ao contrario do caso de uma offensiva, em que é empregado individualmente), encontra sua utilização nas zonas de concentração que se acham em angulo morto, notadamente nas que não podem ser batidas pelos fogos de artilharia.

Tanto os 37 como os Stockes, em razão de seu alcance, são utilizados em qualquer das zonas que interessam ás duas phases já referidas.

Levando mais longe essa questão de plano de fogos, a defesa terá que encarar o emprego das armas automaticas em proveito das tropas de contra-ataque, o que já constitúe uma questão de offensiva, e em proveito da linha de reductos (si houver), o que entra na mesma ordem de idéas que acabam de ser examinadas, já então com menor vulto.

Foi dito que, no caso de querer-se impedir ao inimigo a posse do terreno definido pela linha de resistencia principal, a 2.^a phase é, para a defesa, mais importante que a 1.^a.

Entretanto, si a defesa não deve afeerrar-se ao terreno, como acontece geralmente nos combates em retirada, a 1.^a phase (aproximação e ataque) toma importancia maior que a 2.^a; o plano de fogos deve, então, prever para aquella uma applicação mais intensa dos seus elementos.

Sem embargo, mesmo tendo-se deliberado abandonar a linha de resistencia antes do atacante passar ao assalto, os fogos da 2.^a phase devem ser estabelecidos, por uma questão de segurança; a linha de resistencia representa, assim, o papel de uma linha de reductos.

Major Sílio Portella.

Themas de Artilharia de Campanha

1º Thema — Estacionamento

(Carta de Alegrete 1/50.000)

A III D. I. marcha para o Sul por Brunetti — João Adolpho afim de substituir a II D. C. que mantem o inimigo 25 Km ao Sul de Valentim Trindade.

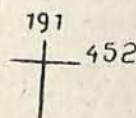
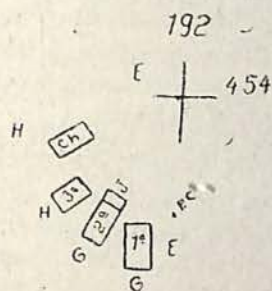
No dia 15-7-19... ás 14 horas, quando marchava 4 Kms ao N. de Brunetti o cmt. do 1/5 R. A. M. (unidade do grosso) mandou pelos agentes de traçmissão (cada bateria e a C. l. m. destaca p... junto do cmt. do grupo um homem montado que transportará as determinações) ordem para que as baterias fizessem avan-

O ajudante do grupo já recebeu do seu commandante a informação de que deve procurar posição para estacionar na encosta 1 1/2 Km. ao S. de Brunetti ao lado direito (Oeste) da estrada — Zona que foi attribuida ao grupo, e as ordens relativas ao espaço reservado a cada bateria.

Este official espera as turmas de estacionadores das baterias e parte com ellas ao trote elevado nas mesmas condições acima expostas.

Si a C. l. m. tiver que estacionar com o grupo, como geralmente ella não mar-

Calco "1" (Carta de Alegrete 1/50.000)



çar até ao ajudante do grupo os seus estacionadores (R. S. C. 139).

Cada uma destas unidades destaca um 3.º sargento (forriell ou o de estacionamento si fôr creado na guerra), um cabo (furriell ou do material bellico) e dous soldados (dos serviços) os quaes, pela esquerda da columna, seguem em trote elevado á procura do ajudante do grupo. Convem lembrar que este pessoal já está de ante mão escalado, e no sequito do capitão, de modo que quasi automaticamente entra em acção logo que seja solicitado.

cha logo atrás desta unidade levará consigo um homem do sequito do grupo cuja função será tornar atrás, ao encontro dos estacionadores da C. l. m. e conduzi-los até onde estiver aquelle official.

Em Julho é absolutamente necessario no Rio Grande do Sul armar barracas para os homens dormirem, porque o frio muito intenso que ahi reina durante a noite, produziria grandes baixas; aliás a distancia a que estamos do inimigo permite perfeitamente tomar esta providencia, sem maiores prejuizos.

Mas como a aviação não conhece distancias, é preciso que taes barracas sejam apenas armadas ao anoitecer e desarmadas aos despontar do sol, (caso se vá ainda permanecer ahi algum tempo).

Nas nascentes das *sangas* do R. G. do Sul formam-se *panellas* onde dous ou tres dias apóz ás chuvas encontra-se esplendida agua, muito crystallina; ora a epocha em que se desenrola este thema é o inverno, e portanto o tenente X logo que chega ao local, escolhe as zonas A, B, C e D, aquellas para as baterias e esta para a C. l. m., tendo em vista

os seguintes motivos: (R. S. C. 140) a) estarem nas proximidades das *panellas* E e E' que elle achou com a quantidade sufficiente de agua para beber e que faz assignalar com uma cartaz « Agua para beber ». E' claro que tal distico torna prohibitivo o seu emprego para outros mistéres; b) dispor de varias outras *panellas* GG e HH, onde fará collocar cartazes « bebedouro p.^a a 1.^a bateria » etc.

Esta medida se impõe para que não haja mistura dos animaes e homens de sub-unidades, o que traz sempre desordem e anarchia.

Quando em vez de *panellas* houver agua-corrente, é precioso ter em vista que o logar designado para se tomar a agua potavel deve sempre estar a montante dos bebedouros, e estes dos logares designados para as lavagens dos animaes, de roupa suja etc.; c) possuir algum matto na orla das sangas, o qual apezar de muito escasso permittirá aos homens a obtenção de alguma lenha para suas necessidades; d) estando na meia encosta as zonas citadas, alem das vantagens acima terão mais a de estar em terreno enxuto e de não ficar nas cristas; e portanto o mais possível furtadas as vistas aereas e completamente fóra das vistas terrestres; e) estas posições apresentam sahidas em todos os sentidos.

E' conveniente que as zonas attribuidas a cada unidade, sejam amplas afim de que ellas tenham liberdade de se organisarem, collocando seus parques de modo que não se correspondam geometricamente o que é inconveniente em virtude da observação aerea inimiga.

Distribuidas as zonas, cada 3.^o sargento faz marcar na sua, conforme as instrucções recebidas, os parques, palanques, linhas de barracas (a serem armadas sómente ao anoitecer); esta marcação é feita por meio de estacas e papeis com dizeres.

Convem que o tenente marque um logar J. onde fiquem reunidos os carros cozinhadas das bias e et. menores, afim de que o preparo dos alimentos seja mais directamente fiscalizado pelo sargento da subsistencia do grupo.

As latrinas, serão 5 ou 6 buracos de 35 a 40 cm. de largura e com outros tantos de profundidade para cada bateria; serão assignaladas de modo identico.

Como o estacionamento vae ser apenas de uma noite póde-se, fazel-as assim tão simples, e mais ou menos proximo sem contudo descer a menos 100, m. de distancia das cosinhas e sómente com a preocupação de collocal-as do lado opposto ao da direcção do vento que sopra então.

Si o estacionamento fosse mais prolongado, era preciso pensar em collocal-as em lugar de onde as infiltrações não pudessem ir, infeccionar a agua, e fazer vallas em vez de simples buracos.

A's 16 horas chega o grupo á região designada — estudemos o que faz cada bateria:

1.^a bateria — O cap. mette a bateria em linha (frente para o Sul) — peças com intervallos de 20 passos, a linha de carros 30 passos á retaguarda da de peças. A seguir commanda « desatrellar e desencilhar ».

O modo pelo qual esta bateria vae dispor o parque e prender os cavallos tem a vantagem de deixar muito em segurança os animaes e dar-lhes uma relativa liberdade; não será porem exequivel nas proximidades do inimigo (1). Os artilheiros auxiliam os conductores desencilhando os animaes de mão (R. E. A. pg. 295) apóz isto os conductores levam seus animaes para um local que desembarace o parque e entram em linha na ordem de suas viaturas, os do carro á esquerda dos da respectiva peça, parelhas na ordem — guia, média e tronco — chefes de viatura na direita; os outros homens

mantidos (secção de commando) collocam-se na esquerda desta linha.

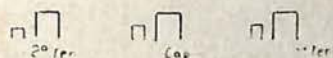
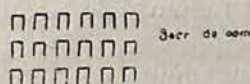
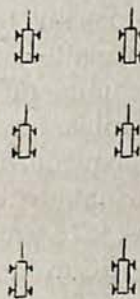
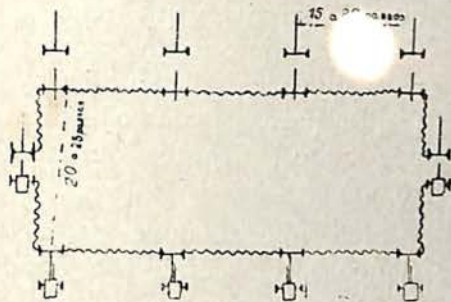
Nesta occasião o cmt. da bia faz avançar dous camiataes do T. C. 1 ou o 5º e 6º carros de munição si se tratar das baterias de material francez e os colloca nos flancos da bia, no meio das linhas de peças e carros, (vide schema I); os artilheiros voltam para traz as lanças dos armões dos carros.

Como faz frio, é conveniente que os animaes não durmam molhados; não se

mediatamente a molhelha que os produzio e determinam as providencias necessarias.

No caso ainda de esfoladuras ou pequenas feridas fazem applicar logo o remedio que o veterinario já recommendou.

Os animaes feridos ou estropeados são substituidos pelos de reserva e mandados á vizita veterinaria — o capitão é quem determina estas substituições, por solicitação do tenente da secção ou do sargento ajudante (cmt da secção de commando).

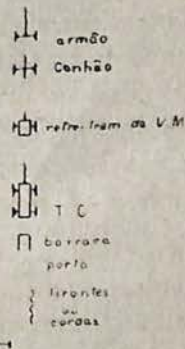


lhes dará banho, porem os conductores, com a rascadeira arrepiam-lhes o pello onde estiver suado, não só para facilitar a seccagem como tambem para que não fiquem empastados.

Cada conductor examina rigorosamente o estado das ferraduras dos seus animaes, serviço este fiscalizado pelo chefe de viatura, sem que delle se dispensem tambem os commandantes de secção.

Os chefes de viatura, e os cmts. de secção palpammeticulosamente o lombo dos animaes, e inspeccionam com detido cuidado si a molhelha produzio feridas, esfoladuras, ou ainda se arrancam pello na cernelha ou no peito dos cavallos.

No caso de serem encontrados pellos arrancados, ou esfoladuras verificam im-



Terminada a revista, os animaes são levados em forma até ao bebedouro designado, — é conveniente que os chefes de viatura sigam junto e que o 1.º sargento dirija o conjuncto.

Enquanto estes serviços são feitos pelos conductores e homens montados, escalam-se entre os artilheiros (é bom sempre pedir um por peça e secção de commando) fachinas para completar os trabalhos de

preparo das latrinas e melhorar (si for o caso) o acesso aos bebedouros; dous ou trez homens irão arrecadar lenha para os carros cozinha e outros tantos irão auxiliar a encher os *carros—pipas*, o qual uma vez cheio virá se collocar junto ao respectivo carro cozinha, perto do qual também ficará um carro de viveres.

Para collocar nos flancos da bia será de toda vantagem empregar o carro de bateria e o de bagagem.

O carro-forja será collocado em lugar onde se possa trabalhar sem embaraços na ferragem dos animaes (vide schema) (1).

Uma vez abeberados os cavallo, trata-se de forrageal-os, com uma ração de milho, geralmente de 2 kilos.

O melhor meio é dal-a em *bornaes*, porem certos animaes, principalmente os das remontas mais recentes, não sabem comer assim e alguns até ficam assustados.

O emprego do *bornal* tem as seguintes vantagens: a) não ha brigas entre os animaes, b) a forragem é toda aproveitada.

Outro systema que muito se emprega entre nós; é fazer no chão espaçados de 2 metros, monticulos de milho correspondentes a cada ração.

Comem-n'os os bucephalos em relativa paz e muito mais ligeiro que no outro processo, porem é grande parte da ração, que reputo em 25 %, espediçada.

O capitão querendo evitar o inconveniente destes dous systemas, emprega um mixto, — o *bornal* para os animaes que já sabem utilizal-o e o monticulo de milho para os outros; toda vez que haja pelegos na bateria, ou cobertas de tela, ou *saccos* vazios, estes monticulos serão feitos encima delles, o que restringirá muito a perda do milho.

(1) Como a bateria está muito longe do inimigo, não é de temer que algum elemento seu consiga esgueirar-se e vir perturbar o repouso da bateria, poderá pois a metralhadora da bateria junto com as respectivas cangalhas ficar junto ao parque.

Enquanto os animaes fazem sua refeição os conductores completam a *mangueria* prendendo os respectivos tirantes uns aos outros e amarrando-os entre as rodas das viaturas vizinhas.

Deve-se collocar uma fiada entre os cubos das rodas e outra entre a parte superior das coroas.

No meio do espaço entre as viaturas colloca-se de pé uma boléa movel que serve para levantar os tirantes.

Afim de evitar barafunda e disputas quando se tiver que recolher os tirantes o capitão determina. «Cada viatura ligase á que ficar a sua direita (em círculo, frente para o centro), tirantes da guia nos cubos, tirantes das médias nas corôas».

Fica aberta uma *porteira* (num dos flancos), para onde vão sendo introduzidos os animaes á medida que vão terminando seu forrageamento.

Póde-se-lhes deixar as cabeçadas, mas é preferivel deixal-os inteiramente soltos.

Terminados os serviços citados vae ser designado o lugar para as barracas.

A frente do parque ficou para o Sul porque é esta a direcção de marcha no dia seguinte, mas as portas das barracas não pódem ficar nesta direcção, porque porque d'ahi vem os ventos frios. Conclusão, — portas para o norte.

Ordens do Capitão. «Barracas por trez — 4 passos de intervallo — filla do centro cobrindo as peças respectivas, — distancia do parque 20 passos — » (vide schema) arreamentos nas barracas».

Esta ultima ordem deve ser dada sempre que o tempo ameaçar chuva.

Em cada barraca ficam dous homens, — um conductor e o artilheiro que o ajuda a atrellar.

Os homens da secção de commando são grupados dous a dous em cada barraca e a sua fila de barracas é collocada n'um dos flancos das guamições.

O cap. e C. C. a retaguarda da respectiva guarnição, juntos, ou cada um em sua barraca.

Os demais sargentos em identidade de condições á retaguarda da *Secção de Commando*.

Officiaes — 10 passos á rg. de suas secções — cap. no centro — todos acompanhados das respectivas ordenanças cujas barracas ficam á rg. das dos officiaes.

Às 17 1/2 horas armam-se as barracas — ás 18 horas distribue-se dentro da *mangureira* a alfafa tendo o cuidado de espalhar-a bastante para evitar atropellos dos animaes; ás 18 1/4 distribuição de ração.

A seguir manda-se collocar lanternas nas latrinas, luz voltada para o Nórte, e faz-se começar o serviço dos plantões e dos cavallariças.

A 2.^a bateria agio de modo diverso.

O capitão orientou o parque para léste.

Não fez *mangureira*; as peças em linha de 15 passos — foram passados tirantes da roda de uma á roda de outra, nos armões das peças, cuja lança foi abaixada até ao chão, e nos retotrem dos carros de munição.

Os cavallos depois de tratados identicamente aos da outra bateria foram amarrados a estes tirantes; para isto retiraram-se-lhes das cabeçadas os freios e se os prendeo com os cabrestos de córda.

Vantagens sobre o outro systema — os animaes ficarão mais em ordem; será mais facil aos conductores achar os que lhe pertencem visto ficarem em logar fixo. — Desvantagem, menos repouso para os animaes e menos segurança quanto a fuga, donde necessidade de maior numero de *cavallariças*.

Cap. Correia Lima

A Substituição

(Continuação)

Pelo que ficou dito é indispensavel levar em conta o **jogo das substituições** quer se trate de marcha quer de combate.

Estas pequenas mas importantes operações recebem os nomes:

a) — *Passagens de linha ou escalão* quando realizadas seja sobre objectivos intermediarios, quando se julga o objectivo final ainda muito distante e torna-se penoso alcançal-o com a mesma tropa empenhada, seja apoz o ataque e occupação deste ultimo objectivo, para que possa ser levada a effeito a exploração tenaz do exito obtido; finalmente, no caso de fadiga reconhecida das tropas de segurança Ella tem por fim, obter um esforço continuo e ininterrupto.

Algumas vezes faz parte da propria idéa de manobra e o tempo de acção das uni-

dades é determinado, fazendo-se, então, a passagem successivamente por unidades escalonadas em profundidade, como aconteceu na grande offensiva da primavera de 1918.

b) — *Substituição propriamente dita*, quando as unidades (em regra na defensiva) estão esgotadas pelas grandes perdas ou extrema fadiga. Ellas são rendidas sobre a posição occupada e a substituição realisa-se empregando tropas frescas que fazem a troca de seus elementos, tanto quanto possivel, por elementos equivalentes das tropas substituidas.

No primeiro caso, a difficuldade consiste em evitar a mistura das unidades, e a operação deve ser realisada com *rapidez*, porquanto, na occasião, a densidade das tropas fica dobrada e, em consequencia, augmentada sua vulnerabilidade.

No segundo caso, impera a *discreção*, a operação (substituição propriamente dita) é realizada com todos os cuidados que requer a adaptação das novas tropas à missão de que se achavam encarregadas e substituídas, fazendo o possível para que o inimigo não perceba a operação. Ella é por isso, realizada á noite.

A passagem de escalão e a substituição propriamente dita creiam um momento de crise, no qual a *segurança* fica diminuída; para serem bem succedidas, taes operações devem ser cercadas de cuidados especiaes, como si o inimigo podesse sempre intervir no momento de sua realisação.

Antes de proseguir, achamos necessario dizer algumas palavras sobre a significação dos dois vocabulos — *linha* e *escalão* —, que são constantemente empregados sem distincção.

Todos os modernos regulamentos falam em *escalão* como querendo substituir por esta palavra a *linha*, que o nosso R. G. U. diz encerrar muitas vezes a idéa (que póde ser nociva) de formação linear, rígida e mesmo continua.

A palavra *linha* póde ser empregada em referencia ás grandes unidades, bem como em sentido generico (Divisão, Regimento, unidades de tal linha; linha de combate, linha de resistencia, balisamento de linha, etc...). Ella é substituída pela palavra *escalão* no que concerne ás formações das unidades da infantaria no combate.

Em sua conferencia sobre o Combate Offensivo, diz o Cmt. BARRAND:

«Esta palavra *escalão*, que recebeu sua consagração em um certo numero de documentos officiaes, e que se oppõe ás de-

nominações de *linha* ou *vaga*, não está isenta de uma certa imprecisão.

Certamente, ella rompeu definitivamente com a idéa de alinhamento rígido evocada pela *linha* ou *vaga* em um conjuncto de elementos que atacassem justapostos, na Testa de uma formação de ataque e, sob certo ponto de vista, sua appareição foi feliz.

Mas no sentido exacto e preciso que significa?

— Uma companhia parte ao combate em 1.º escalão: sobre a frente de ataque o capitão engaja 2 pelotões, o 3.º mais a escalonado atraz do pelotão da direita, e constitue, por exemplo, a reserva do capitão, ou o 2.º escalão. Os pelotões, por sua vez se escalonam com seus grupos de combate.

Mas, o batalhão partiu, segundo a ordem recebida, em 1.º escalão e teve de escalonar suas companhias sobre uma profundidade de 600 a 800 metros.

Examinando o Regimento veremos que elle tem, por exemplo, dois batalhões em 1.º escalão e um em 2.º.

Vemos, pois, que o termo *escalão* se applica, de uma só vez, a muitas unidades».

Donde se póde concluir que a palavra *escalão* indica por sua numeração, a posição relativa das unidades no ambito da unidade superior: mas, não resta duvida que a unidade (seja qual for o seu valor), mais proxima do inimigo, está no escalão de combate ou 1.º escalão.

Tte Cel. Paes d'Andrade.

(Continúa)

RECONHECIMENTO DO TERRENO

Licções ministradas aos meus sargentos

VII LICÇÃO — CURSOS D'AGUA

(Continuação)

Quando o passo não tenha de ser utilizado immediatamente e se deseje conhecer-lhe as variações de nível, bastará plantar-lhe uma estaca aflorando ao nível e nella marcar o maximo e o minimo das alturas alcançadas.

A profundidade póde ser approximadamente medida pela altura em que lha a agua quer no homem, quer no cavallo, assim: nos joelhos — 0^m,50; na metade das coxas — 0^m,70; na altura das virilhas (forquilha) — 0^m,80; abaixo do ventre — 0^m,90; na cintura — 1^m,00; — cobrindo os boletos — 0^m,20 — 0^m,25; aos joelhos — 0^m,40 — 0^m,50; ao tocar os loros — 0^m,85 — 0^m,90; ao meio de peitoral ou do peito — 1^m,00; na base do pescoço ou na anca (quadrís) — 1^m,15 — 1^m,20; nas pontas das nadegas — 1^m,30. A 1^m,40 tem-se o *bola-pé*: o animal toca o leito e nada, successivamente a cada passo.

O fundo do passo deve ser desprovido de pedras grandes e bastante resistente para que não atole e não se excave durante a passagem.

A felicidade de abordagem e a inclinação suave das margens devem permittir chegar facilmente ao vau, e tomar pé sem difficuldade e custo na margem opposta. A velocidade da corrente deve ser moderada. Sobretudo deve ter-se em vista não confundir os passos com os *passos apparentes*, de areias moveis, que são muito perigosos.

Todo rio de que a largura vem a augmentar, diminue de profundidade e offerece muitas vezes passagens a vau. O contrario se dá quando o curso se estreita.

Busca de um passo. — Para descobrir-se os passos, interroga-se os habitantes (reconhecimento por informações). Os barqueiros do local poderão, em muitos casos, fornecer esclarecimentos sobre questões de ordem technica. Entretanto é indispensavel pôr á rigorosa prova a authenticidade d'essas indicações, pesquisando escrupulosamente. Ademais, os individuos ribeirinhos muita vez desconhe-

cem certos passos, sendo-lhes familiares apenas os diariamente praticados. Descendo o rio em um barco (reconhecimento directo), leva-se immersa e presa atraz uma sonda de extensão conveniente, (1^m,00) devendo deter-se quando ella tocar em algum ponto e verificar si é um passo que se transpõe.

Tambem se póde, a cavallo e armados a lança, ou conduzindo varas marcadas á altura conveniente, fazer alguns cavalleiros descer ao longo das bordas sondando para o thalweg e tendo a precaução de não se lançarem ao meio do leito sinão quando encontrarem um fundo praticavel.

Além desses processos deve procurar-se os *indicios* que façam presupôr a existencia dos vaus, verificando-os. Assim caminhos ou sendas incidindo sobre as duas margens do rio, ainda mais quando o succede perpendicularmente ao seu curso, são signaes quasi certos de passos. Sobretudo si se lhes nota vestigios de rodas de carros. No emtanto poderia encontrar-se ahi apenas simples bebedoiros. E' de toda a conveniencia fazer reconhecer os passos por bons nadadores, afim de verificar a natureza do fundo: si tem peraus, pedras isoladas, etc..

Um encrespamento obliquo do curso d'agua faz presumir um vau immediatamente acima, porque elle denuncia um banco ou escoadoiro natural, utilizavel para cortar o rio; mas muita vez é estreito e interrompido. Do mesmo modo uma corrente rapida, em uma parte não estreita do rio, indica um desfiladeiro apertado entre dois bancos de areia, ou mesmo dois peraus; póde ahi haver, pois, uma parte não vadeavel, mas muito estreita e facilmente transponivel pelos cavallos a nado. O alargamento subito do leito tambem constitue vestigio de pequena profundidade.

Os passos geralmente se acham nas partes rectas e mais largas, onde a corrente é rapida (quando a corrente nestes

...ontos, é lenta, não dão vau) e, sobretudo, a jusante de um cotovello muito pronunciado, onde a corrente tenha extravasado a margem. Os assim situados geralmente offerecem um fundo resistente, pois que, tendo resistido á acção das aguas, que por falta de largura e profundidade se acceleram, é porque se compõem de materiaes solidos e pesados: areia grossa, cascalho, seixos ou rochas. Os melhores fundos são os de areia dura, cohesa e resistente e os de seixos.

Quasi sempre logo abaixo dos moinhos, comportas, barreiras, etc., ha vaus. Os vaus nem sempre são perpendiculares ao eixo dos rios: entre duas voltas da corrente são, na maioria, obliquos. Ha — os ainda sinuosos, quebrados, *com segredos*: peraus, redemoinhos, pedras grandes, interrupções, etc., e outras causas de accidentes perigosos.

Si o passo que se reconhece ou descobre deve ser utilizado mais tarde, assignala-se alguns pontos de referencia na margem afim de o reencontrar facilmente. Póde-se tambem, com o mesmo fim, plantar balizas no trajecto do leito. Escusado será recommendar que ao atravessar uma corrente não se deve olhar para a agua e sim para o ponto a attingir na margem opposta.

Examinar e annotar:

Situação do vau — pontos de referencia para o encontrar; balizamentos; si é bem conhecido na região; seu nome.

Direcção — perpendicular ou obliquo á corrente; notar o angulo formado com o thalweg; perigos offerecidos pelo desvio de seu traçado; largura deste; a direcção de tal margem a jusante e de quantos metros o tomar pé ahi é mais baixo do que na margem a montante; (balizar as frentes de entrada e sahida).

Profundidade — si é variavel; altura, nos differentes pontos, em que, então, as aguas attingem ao homem a pé; si se mantém por muito tempo ou é de instante a instante variavel.

Velocidade da corrente — avalial-a por segundos, como já ficou prescripto; maxima e media e suas phases naturais.

Natureza do fundo — rochedos, pedras grandes (empedrado), pedregulho, seixos, cascalho, areia fina, areia movediça, terra, lôdo, com vegetações e galhos e cipós. (O fundo de areia fina e solta excava-se

a breve trecho sob os pés, sobretudo dos cavallos, e quasi não permite a passagem das viaturas. Movediço, então, é muito perigoso. O de lôdo, impraticavel aos cavallos, é sempre perfido: é preferivel atravessar a nado em qualquer outra direcção. O de pedras grandes, ou rochoso, é resvaladiço, muito incommodo aos homens, causa de quedas e ferimentos nos cavallos e impraticavel ás viaturas).

Largura do passo. — Verificar com que frente pódem homens e cavallos passar; precauções a tomar contra as difficuldades, segredos e perigos.

Permanencia. — Causas que suprimem ou restabelecem os vaus inconstan epochas das cheias; effeito do jogo de comportas e represas, quando os houver; idem das chuvas nas cabeceiras. E', esse effeito, immediato ou remoto?

Rampas de accesso — devem ser suaves; trabalhos a executar para as melhorar; sua largura, sendo em cortes no terreno; praticabilidade; solidez dos abordos.

Ilhas — baixios, bancos, rochedos, caminhos de accesso, natureza dos barrancos, seu aproveitamento á transposição do curso.

Meios de interromper, obstruir ou restabelecer um passo. — Recursos em materiaes: grades de estorrear terras lavradas, cavilhas em desuso; cargas de pedras; abatizes transversalmente dispostas na corrente, com as pontas voltadas para o lado dónde se presume vir o adversario; cavallos de frisa; fosso excavado em toda a sua largura; buracos dispostos em xadrez, abertos a braços ou a melinite, com estrepes e paus ferrados; cacos de garrafas; cipós enredados; arames embaraçados; ruptura das represas a montante e fechamento absoluto das de jusante.

Os vaus, na vizinhança de uma ponte, são muito uteis para abreviar a passagem de grandes columnas; a cavallaria utiliza-os com os trens possiveis., emquanto a infantaria se escoa pela ponte. Os vaus aportados pódem favorecer a passagem de um corpo envolvente. Os desconhecidos dos habitantes — e este caso é frequente — são utilmente empregados para as surpresas.

Por principio deve utilizar-se todos os meios de passagem, porque geralmente é ahi que concorrem as vias de com-

municiação praticaveis. Estes caminhos são objectos de estudos e menção especiaes, desde se trate de grandes corpos de tropa; em todos os casos elles devem ser praticaveis e em numero sufficiente.

Balsas e embarcações

Algumas vezes as estradas que atravessam os rios não têm bastante importancia para exigir o estabelecimento de uma ponte; neste caso recorre-se os outros meios de passagem; taes são as canoas, botes e demais pequenas embarcações, ou, mais geralmente, as *balsas ordinarias* ou *de vae-vem*. Estas convêm aos rios de largura nunca superior a 10 metros.

A balsa é um barco plano e rectangular, com o fundo em plano superior á proa (ou ás proas — porque muitas ha que constam de um estrado armado sobre duas, tres ou mais canoas) de maneira a permittir o embarque e o desembarque de cavallos e viaturas. Além de remos, varapaus, etc., empregados para dirigir as embarcações, pôde-se tambem fazelas atravessar o curso por meio de cordas tirando ora de uma, ora de outra margem, ou melhor ainda, dirigil-as, a mão, por um cabo estendido de uma a outra margem.

A corrente, aqui, deve ser nunca inferior a 1^m,00 por segundo, e a largura do rio de 100 a 120 metros no maximo. Neste caso mantêm-se a balsa obliquamente ao curso por meio de uma especie de leme. Ou, então, usa-se uma especie de ponte volante que toma o nome de *balsa de sirga*. Os caes de atracação d'essas balsas devem apresentar a maxima facilidade possível ao embarque e desembarque.

A informação deve adeantar sobre as dimensões das differentes especiaes de balsas, sua capacidade em homens, cavallos e viaturas. Duração da travessia, ida e volta, do embarque e do desembarque. Tempo necessario á passagem d'uma companhia, d'um pelotão, d'um esquadrão, d'uma bateria. Quanto ás embarcações (ou companhias de navegação) dar o numero e a especie dos barcos em uso; suas dimensões, capacidade em homens e cavallos, tonelagem; altura d'água em que podem navegar. Modo de propulsão: vela, remos, remo de pópa, perchas, re-

boque ou tracção. Velocidade media a favor da corrente e contra. Duração da travessia; — tempo necessario para reuni no ponto de passagem o numero de barcos precisos.

Sobre a navegação — remadores; arcos de pontes; — ramificações (braços sem sahida); passagens difficeis ou perigosas «aborrecidos» (redemoinhos perigosos); gargalos (passagens estreitas entre duas ilhotas); rochedos á flôr d'água, bancos de areia pouco cobertos, mouchões (ilhotas de ramagens, de relvas, de lódo e areias), e todos os demais embaraços existentes no percurso a navegar, taes como troncos derribados, emmaranhados etc..

As demais particularidades interessantes não devem passar desapercibidas.

O numero de homens a embarcar em uma balsa ou barco é determinado de modo que seus bordos fiquem sempre emergindo, pelo menos 0^m,20 quando as aguas são tranquillias e 0^m,30 quando correntes. O embarque e o desembarque devem fazer-se na maior ordem possível. A carga é egualmente repartida para assegurar a estabilidade da embarcação. E durante a passagem: *Deve observar-se o silencio e uma immobildade absoluta.*

Além destas rudimentares embarcações e recursos de travessia, outros ha mais simples, taes como almofadas ou colchões de palha fluctuantes, pranchões, camaras de ar, pelotas, etc.. (1).

Congelação

Informações sobre a epocha, duração habitual; si o gelo supporta homens, cavallos, viaturas. Epocha da descongelação (2).

(V. Regimen dos cursos d'água).

Pontos favoraveis ao lançamento de pontes militares.

Os melhores são aquelles onde o curso d'água descreve um *angulo re-entrante para o inimigo; onde a margem amiga* commanda a outra e

(1) V. Manual do Commandante de destacamento do Tenente Orozimbo M. Pereira.

(2) Ha differentes processos para dotar a camada de gelo de maior resistencia. Entretanto, como bem improvavel é termos de lidar em zonas d'essa natureza, deixamos de nos deter sobre o assumpto.

apresenta boas posições para a artilharia que permittam bater esta ultima borda de fogos cruzados; solidos pontos de apoio (villas, construcções, pequenos bosques) devem favorecer o estabelecimento de sua cabeça de ponte. Traçado e perfil do ponto escolhido. Construcção da ponte: obreiros necessarios para auxiliar, parelhas e viaturas de requisição. Preoccupar-se, sobretudo com as sahida após á passa em e com as posições a occupar immediatamente para assegurar e protegel-a. Verificar si nas proximidades, especialmente rio acima, existem arvores, pranchões, barris, podendo ser conduzidos pela corrente; recursos em materiaes na vizinhança; (para as pontes de barcos, como já vimos, a profundidade deve ser, no minimo, de 0^m,50; de cavalletes, no maximo 2 ou 3 metros, segundo a corrente; passadiços estabelecidos sobre carros, no maximo 1^m,50; fachinas (feixes de ramagens, gabiões, cestões, etc.) quando muito 1^m,00; de jangadas — velocidade maxima de 1^m,50.

Passagem a viva força — Si se teme a possibilidade do inimigo perturbar ou inquietar a transposição, outras considerações, de ordem tactica, entram, então, em linha de conta. Assegurar-se-á si a utilização dos meios de travessia supra mencionados póde ter logar *em uma marcha offensiva ou em retirada*.

No primeiro caso é importante poder fazer-se sentir vantajosamente a efficacia do fogo de uma á outra margem. E' o que se dará si o rio formar uma curva no ponto em que se projecte a travessia, estreitando-se nesse sitio, porque se poderá, então, ter a margem opposta sob a acção de fogos cruzados, como já vimos. Maior vantagem ainda se proporcionará á posição si, nesse reentrante pronunciado, a margem que se occupa, a concava, possuir commandamento sobre a convexa e dominar ao longe a região fronteira, de modo que o inimigo ahí não encontre nenhum ponto de apoio, ao passo que as forças amigas poderão cobrir sua marcha e abrigar-se em suas posições. A memoria indicará, além das posições favoraveis ás baterias, as facilidades encontradas para estabelecer sobre a margem convexa uma cabeça de ponte, apoiada por seus flancos no proprio rio (*tomar a margem concava para ponto*

de partida, tendo de proseguir avante; — para ponto de chegada, em retirada).

Quando se póde encontrar na margem do lado occupado a desembocadura de um outro rio, principalmente a montante, (3) uma vantagem offerecerá este facto — a de ter á mão, bem perto, reunidas e ancoradas, as pontes para a passagem (*material diverso*) (4) e, além disso, escondidas ás vistas do inimigo até ao proprio momento do começo da operação.

Quando a passagem tem de ser feita por uma tropa que bate em retirada, as condições desejaveis neste caso são as mesmas que as precedentes, mas devem apresentar-se *sobre a margem para onde se vae passar*; será, de resto, muito importante que a margem occupada antes da travessia offereça posições convenientes para o serviço de segurança á retaguarda. Por exemplo, uma serie de alturas que se estendam formando cabeça de ponte, bosques, localidades, etc., tornando possivel uma defeza efficaz, apresentando um espaço, sufficiente de terreno firme e praticavel para a reunião das tropas entre si e a ponte, ficando tudo, no entanto, assás distante desta para impedir o inimigo de a tomar sob seus fogos. (5) Estas posições não devem ser nem dominadas nem possiveis de se contornar. Anotar as cobertas e abrigos utilizaveis, bem como os pontos favoraveis á segurança acima e abaixo.

Será de desejar, além disso, que a guarda da retaguarda não seja obrigada a servir-se da passagem principal, porém que sua retirada possa effectar-se por uma outra situada não muito longe desta.

Deve-se ainda investigar dos recursos para estabelecer estacadas: que especie e que difficuldades apresentam. Partido a tirar das ilhas, dividindo o curso em varios braços e permittindo o emprego de pontes mais curtas.

Toda parte de reconhecimento deste genero deve indicar, finalmente, um logar designado como o mais favoravel á exe-

(3) A presença de um ribeiro, ou rio, lançando-se na outra margem, não tem aqui importancia alguma.

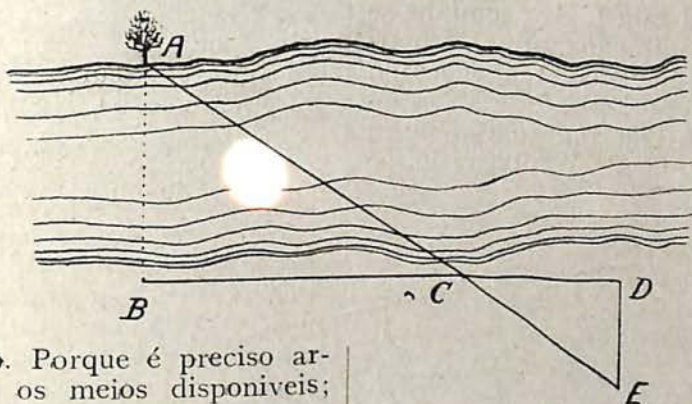
(4) Barcos, jangadas, colchões, etc..

(5) V., adiante, o que fica prescripto sobre reconhecimento de posições.

cução da travessia, e esta indicação se estabelecerá sobre considerações serias.

2º CASO

Neste caso, em que se pretende impedir a passagem do inimigo, submeter-se-á a um exame particularmente attento todas as posições situadas ás margens do rio, e que, segundo os detalhes estudados no primeiro caso, poderiam favorecer a pas-



3) — (1º Processo) Collocando-se em B na eprpendicular levantada sobre o leito do ponto A, ponto notavel (um tronco, uma pedra...), o operador desloca-se por BD, parallelamente á corrente; toma-se depois, sobre BD, $BC = 2 CD$, collocando-se um homem em C (ou uma baliza); caminha-se sobre DE, perpendicular a BD, até que C recaia sobre A. Tem-se $AB = 2 DE$.

sagem do inimigo. Porque é preciso arrebatar-lhe todos os meios disponiveis; fazer saltar as pontes ou preparar a explosão; levar para a margem opposta todos os barcos e balsas; tornar os vaus impraticaveis por meio de grades, estacadas, paus ferrados, abatizes, boccas de lobo, etc.. A memoria, tambem aqui, indicará os logares para as baterias. Organizar-se-á, ainda, um serviço de informações, — espiões, patrulhas, linhas de postos de comunicação, linhas telegraphicas, signaes, etc..

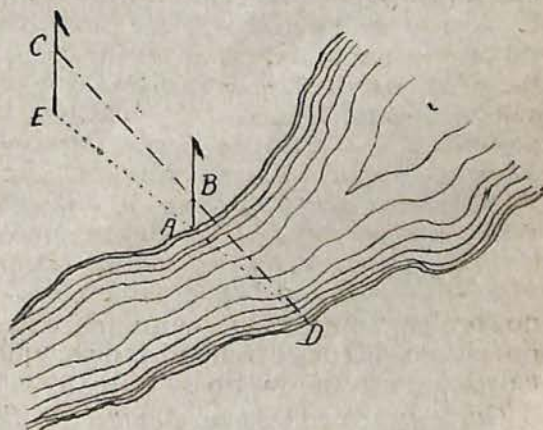
Algumas vezes, estando sobre a propria margem por onde vem o inimigo, ter-se-á as probabilidades de se embargar a passagem com successo. O caso se apresentará quando a defeza dispuzer de cabeças de ponte, artificaes ou naturaes, assás vastas para permittir defender a propria ponte. As vantagens desta condicção são as de poder passar da defensiva, immediatamente a uma offensiva efficaz, e de se obter, mais facilmente novas do inimigo (6).

Medição da largura d'um rio

- 1) — Sobre as pontes, — directamente;
- 2) — Estendendo um cordão atravez o leito;

(6) A historia militar ensina-nos, secundando, que a defeza de linhas fluviaes um pouco longas jamais dura muito tempo, uma vez já se estando do outro lado do curso d'agua.

(2º Processo) Escolhe-se um trecho do rio em que as margens sejam planas e mais ou menos do mesmo nivel. Planta-se uma lança (estaca, espada) A B no ponto A, assignalando-se á altura de pouco mais ou menos meio metro, em B. Com uma segunda lança caminha-se para C, de modo que, por tentativas, um segundo indice C, situado a uma altura

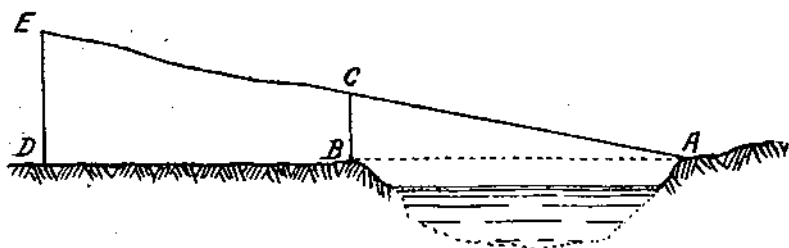


dupla, por exemplo, de B, coincida com este ponto e um qualquer ponto D da margem opposta. A distancia EA será igual á AD, largura do rio.

E' facil demonstral-o:

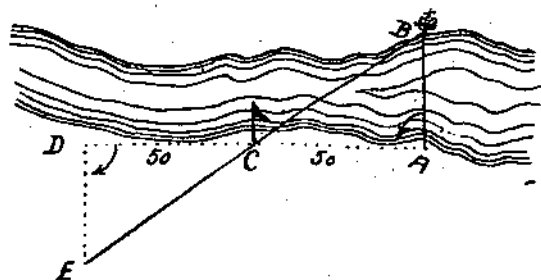
Os triangulos semelhantes C D E e B D A dão-nos $\frac{AD}{ED} = \frac{AB}{EC}$; Como EC é igual a 2 AB, teremos: $\frac{AD}{ED} = \frac{AB}{2AB}$; sabendo-se que $\frac{AD}{ED} = \frac{1}{2}$ tem-se: ED = 2 AD ou AD = EA

Outro processo: Duas estacas, uma dupla da outra; finca-se a CB e caminha-se com a DE, numa direção normal á margem, até que o raio visual, tangenciando as extremidades superiores de ambas, incidida em um ponto da margem opposta situado mais ou menos á altura do pé da estaca CB.



Este processo é bem expedito.

Outro, ainda: Procura-se um ponto bem visível, B, na margem opposta. Volte-se á direita ou á esquerda e caminha-se orthogonalmente até ter contado 50 passos. Marca-se este ponto, C, e continua-se até contar outro tanto, em D. Toma-se outra direção, perpendicular a esta, de modo a chegar a um ponto tal, E, que fique



no prolongamento do ponto marcado e do visado. Mede-se esta distancia, que é igual á largura do rio.

Outro processo, essencialmente pratico: Approximando-se da margem e perfilando, inclina-se a pala do gorro ou aba do chapéo até que a visada pela sua aresta coincida com a margem opposta. Mantendo esse alinhamento, gira-se $\frac{1}{4}$ de circulo para á direita ou esquerda de modo

que o raio visual assim mantido coincide com o terreno mais ou menos horizontal da margem onde se está. A distancia do ponto de coincidência ao occupado pelo observador, é mais ou menos igual á largura do rio.

Ainda outro: Não sendo muito consideravel a largura do rio, aponta-se, junto á margem, com uma carabina, á margem opposta; depois, sem deslocar e arma da posição, visa-se um ponto do terreno. A distancia d'este ponto á occupada pelo apontador é igual, mais ou menos, á largura do curso d'água.

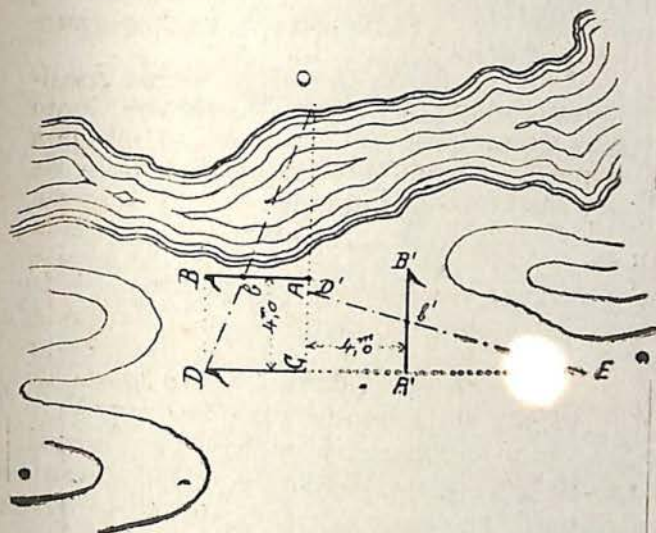
(3º Processo) Nem sempre se pôde, pelas condições do terreno, e chegar esses processos, e dáhi a necessidade do emprego de outros, taes como este:

Finca-se em A uma estaca e a 4 metros de distancia, por exemplo, perpendicularmente ao eixo do rio, uma vara CD, um pouco maior ou igual á primeira. Visa-se pela extremidade D um ponto O da margem, situado á mesma altura em que o pé da haste AB e marca-se o ponto b, em que o raio visual, nessas condições, encontra esta estaca.

Deslocando-se a haste AB para uma direção parallelá ao eixo da corrente, mais ou menos horizontal, de modo a ser plantada á mesma distancia de 4 metros da estaca CD, o ponto E de incidência do raio visual dirigido por Db corresponderá ao ponto visado na margem opposta, e CE será a largura procurada, isto é, a comprehendida entre C e O.

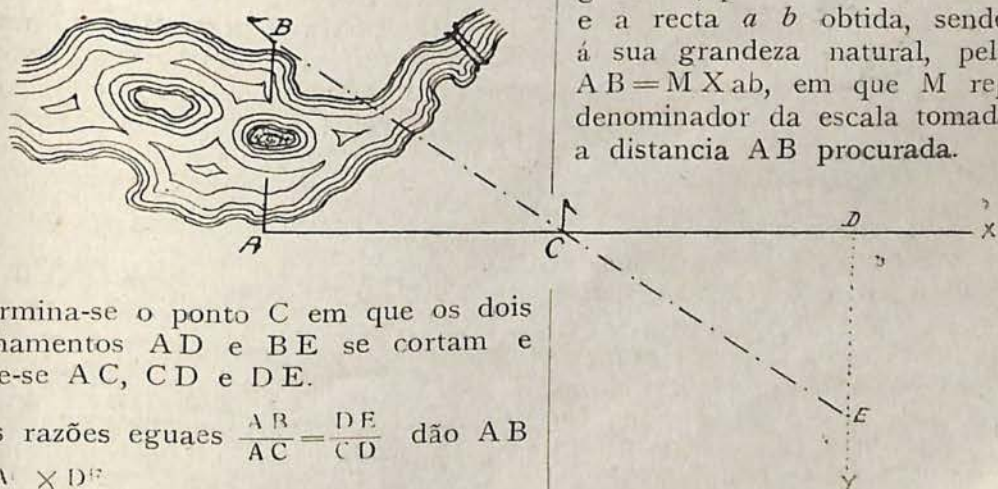
Esclareçamos: suppondo-se $AB = CD = 2m$ e $Ab = 1m,20$, temos que $Bb = 2m,00 - 1m,20 = 0m,80$; $AC = DB = 4m,00$. Os triangulos semelhantes bAO e DBb dão-nos: $\frac{AO}{bA} = \frac{DB}{Bb}$ ou $\frac{AO}{1,20} = \frac{4,0}{0,8}$ d'onde $AO = \frac{4,0 \times 1,2}{0,8} = 6m,0$, largura procurada.

O terreno imporá as applicações, com os seus modaes, de um ou outro destes processos, os mais simples e geralmente empregados.



Ha, além destes, mesmo em outras condições, processos mais praticos e expeditos e, por isso mesmo, mais grosseiros. Por exemplo:

a) — Quando sómente as extremidades da distancia a medir são accessiveis — Perpendicularmente a AB, linha que se quer conhecer, e no ponto accessivel da mesma, A, levanta-se uma linha indefinida AX; depois, a esta, uma perpendicular DY, tirada por um ponto qualquer, D. Toma-se sobre esta segunda perpendicular uma grandeza qualquer DE;



determina-se o ponto C em que os dois alinhamentos AD e BE se cortam e mede-se AC, CD e DE.

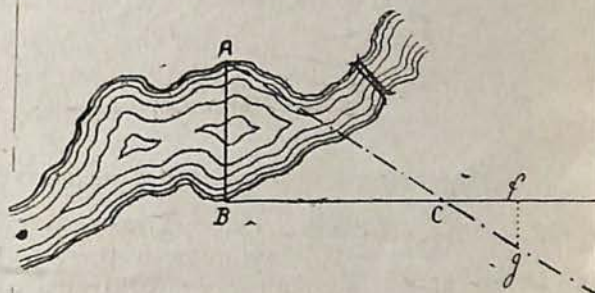
As razões eguaes $\frac{AB}{AC} = \frac{DE}{CD}$ dão AB

$$= \frac{AC \times DE}{CD}$$

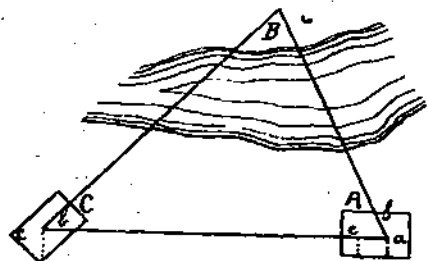
Póde-se tambem dar o ponto C sobre AD e determinar o ponto E, em que BC, prolongada, encontra DY.

Outro processo, sendo inaccessible a margem opposta: Traça-se no terreno bem junto á margem occupada, a recta BC, que se calcula a olho ser maior que AB; prolonga-se BC de uma quantidade igual a si mesma, até D, ponto este em que se levanta uma perpendicular onde se marca a intersecção E, da direcção AC prolongada. Tem-se, então $DE = AB$.

Si faltar terreno para a construção, toma-se $Cf = \frac{1}{3}$ ou $\frac{1}{4}$ BC, o que dá $fg = \frac{1}{3}$ ou $\frac{1}{4}$ AB

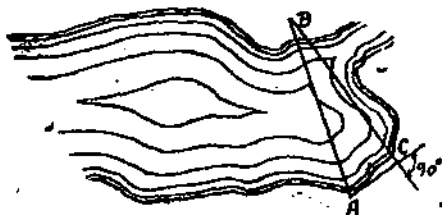


Outro processo: Com a prancheta — Mede-se no terreno uma base AC e traça-se-a na prancheta, de a para C, segundo uma escala qualquer; levanta-se depois por intersecção, o ponto B, empregando-se, para isso, a base medida AC; e a recta ab obtida, sendo reduzida á sua grandeza natural, pela formula $AB = M \times ab$, em que M representa o denominador da escala tomada, — dará a distancia AB procurada.



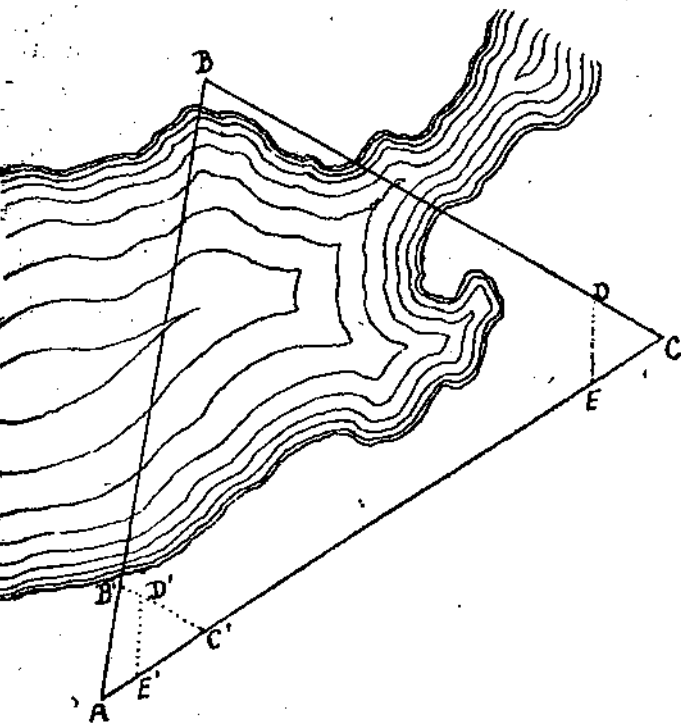
Ainda outro: — Traça-se uma recta qualquer AC; em sua extremidade C levanta-se uma perpendicular, passando por B; depois, medindo AC e BC, tem-se:

$$AB = \sqrt{AC^2 + BC^2}$$



b) — Quando só um ponto é acessível.

Com a cadeia métrica — Tira-se por A, em uma direcção qualquer, a recta AC, medindo-se seu comprimento; traça-se o alinhamento BC do ponto inacessível

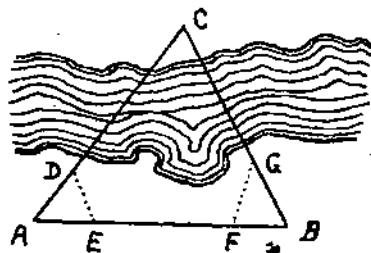


B e determina-se o angulo ACB, medindo-se CE, CD e DE.

Em um ponto qualquer C', de AC, constrói-se o angulo C'D'E' por meio de C'E', D'E' e C'D', respectivamente eguaes a CE, DE e CD; finalmente, prolonga-se C'D' até B', do alinhamento AB; muda-se AC' e AB' e tem-se, por meio dos triangulos semelhantes AB'C' e ABC, a egualdade:

$$AB = \frac{AC \times AB'}{AC'}, \text{ porquanto } \frac{AB}{AC} = \frac{AB'}{AC'}$$

Com o auxilio de bandeirolas — Coloca-se uma bandeirola D sobre AC; levanta-se outras em pontos quaesquer E, F, de AB, e no alinhamento BC levanta-se outra bandeirola em G; mede-se os tres

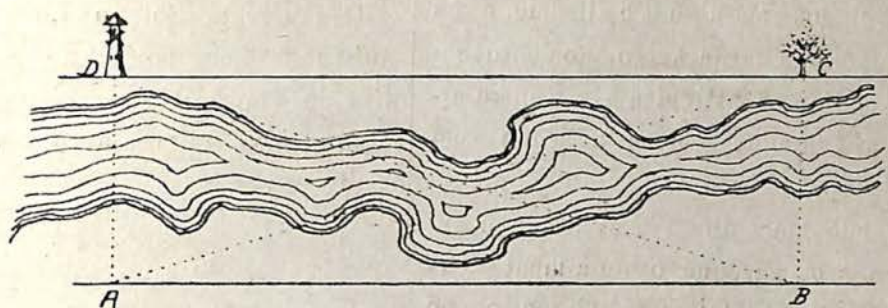


lados de ADE e BFG, o que determina os angulos A e B, e recorre-se a uma construcção graphica.

c) — Sendo os dois pontos inacessíveis: Seja de A e B determinar C e D. Mede-se no terreno uma base AB, bem como os angulos formados, em A e B, com a dita base pelos raios visuaes dirigidos de A para C e de B para D. Póde determinar-graphicamente AC e AD ou calculal-os; neste caso calcula-se as distancias AC e AD nos triangulos ABC e ABD, de que se conhece os angulos e o lado commum AB. Si os quatro pontos A, B, C e D. se acham no mesmo plano, o angulo CAD é differença de dois angulos conhecidos: DAB e CAB. No caso contrario, que é mais geral, mede-se dire-

ctamente este angulo CAD e calcula-se a distancia procurada CD no triangulo

ACD , cujos dois lados e o angulo comprehendido se conhece.



(Continúa)

Cap. Dilermando C. de Assis.

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

OCCUPAÇÃO DO CHACO

Depois das operações descriptas, o marechal Caxias resolveu cortar a unica linha de communicação que restava aos paraguayos, a do Chaco, para o que ordenou a occupação desse ponto.

Para isso, o general Rivas, á frente de 1.200 argentinos, embarcou em Curupaity, rumo do Chaco, desembarcando acima do riacho do Ouro; o 1.º, 3.º, 7.º, 8.º e 16.º batalhões, com 4 canhões e alguns engenheiros, sob o commando do coronel Rego Barros Falcão, embarcaram em Estabelecimento com o mesmo destino, desembarcando abaixo da ilha do Araçá.

A operação foi iniciada a 1 de Maio, de accordo com as instrucções dadas a respeito, e não pequenas foram as difficuldades a vencer, taes os entraves creados pelos paraguayos.

Entretanto, apezar de tudo, as duas columnas fizeram junção no dia 3, occupando uma posição excellenté, tendo á

retaguarda o rio Paraguay, dominado pela esquadra, á frente uma extensa lagôa e flancos protegidos por trincheiras, desde a margem do rio até a lagôa.

Os paraguayos architectaram logo um ataque á posição dos alliados, partindo para isso de Novo Estabelecimento, mas, avisado por um desertor, o marechal Caxias enviou immediato aviso ao coronel Falcão fazendo seguir, como reforço, o 14.º batalhão de infantaria e 2 bocas de fogo.

O coronel Falcão, por sua vez, avisou o general Rivas, que se achava no flanco esquerdo da posição, enviando-lhe 1 canhão obuzeiro como reforço e mandando derrubar a matta que mascarava a frente do acampamento.

Realmente, ás 5 horas da tarde, os paraguayos investiram contra a posição, procurando protecção nas mattas, os soldados encarregados da derrubada recolhendo-se im-

mediatamente ás trincheiras, onde o 8.º e o 16.º já aguardavam o ataque.

Conservando-se em absoluto silencio, esses dois batalhões aguardaram o momento em que os assaltantes attingiram a contra-escarpa, rechassando-os nessa occasião com grande exito.

Renovando mais duas vezes ainda o assalto, foram os paraguayos totalmente derrotados, deixando mais de 400 mortos no local, isso depois de 1½ horas de lucta, em que tambem o 7.º batalhão e a artilharia tomaram parte.

Apenas o flanco esquerdo se conservou tranquillo, sem ter sido atacado.

Os brasileiros tiveram 6 mortos e 144 feridos, tendo tomado parte no assalto 3 batalhões de infantaria e 2 regimentos de cavallaria paraguayos ás ordens do chefe Montiel.

O local em que se desenrolaram essas acções tinha o nome de Anday.

Depois disso, houve ainda innumeradas escaramuças e pequenas acções de guerrilha, em que os paraguayos sempre se mostravam eximios, mas nas quaes foram sempre rechassados, nada obtendo de importante para sua casa.

A esquadra e as tropas de terra não descansavam; sustentavam diariamente bombardeios com o adversario, que, tão depressa perdia uma trincheira, logo organisava outra mais adeante.

Mas o marechal Caxias, como sempre, burlava os mais trefegos ardis do dictador paraguayoy.

NOVO ATAQUE AOS COURAÇADOS NO TAHY

O marechal Solano Lopez, jámais desanimando nem poupando a bravura fanatica dos seus soldados, resolveu tentar novo ataque aos navios ancorados proximo ao Tahy.

O *Barroso* estava fundeado acima daquella posição, na entrada da lagôa situada á retaguarda do acampamento brasileiro, e o *Rio Grande*, á pôpa do *Barroso*, junto á margem esquerda do rio.

Os paraguayos, á meia-noite do dia 10 de Julho, sahiram do rio Vermelho em 20 canôas, jungidas 2 a 2, levando cada uma 26 soldados e 1 official bem armados e munidos de tubos de bronze cheios de uma substancia inflammavel e asphyxiante, alem de granadas de mão para serem lançadas pelas escotilhas dos navios.

Conseguindo dissimular-se por entre os *camalottes* e accidentes do rio, conseguiram elles attingir o costado do *Barroso*, só então sendo presentidos pelo official do quarto.

Dado o alarme, a guarnição correu a postos, mas os assaltantes já estavam no convéz do navio, travando-se então uma lucta homérica, emquanto os machinistas preparavam as machinas para o movimento.

Rechassados, afinal, os paraguayos abandonaram o navio, que, nessa occasião já em movimento, foi pondo a pique as canôas.

O *Rio Grande*, investindo em soccorro do *Barroso*, foi por sua vez abordado no caminho, perdendo na acção o seu commandante, o bravo Antonio Joaquim, mas no torvelhindo da lucta, o navio approximou-se do Tahy e as baterias do forte dizimaram os paraguayos que estavam no convéz.

Graças a isso, foram elles mais uma vez derrotados, apesar da surpresa e da bravura com que se bateram.

Antes de iniciarem a operação, os paraguayos tiveram o cuidado de cortar as communicações telegraphicas, de modo que o chefe da esquadra só ás 2 horas da madrugada teve noticia do ataque e isso mesmo por um estafeta.

CONSIDERAÇÕES

Como se vio, a esquadra, apesar das frequentes supresas experimentadas e ás vezes bem amargamente, continuava completamente descuidada do serviço de segurança, estimulando assim o adversario para as frequentes abordagens.

Não encontramos razão que justifique semelhante conducta, que, afinal, ia custando muitas vidas preciosas e não poucos dissabôres.

Entregar exclusivamente á bravura de seus commandados a solução das operações militares poderá ser muito commodo, mas absolutamente não será lisongeiro para nenhum commando.

Quanto aos paraguayos, agiram elles como podiam, demonstrando uma capacidade guerreira admiravel e uma energia máscula, graças á qual não se entibiavam nem deante de sua propria inferioridade em recursos navaes.

Não podendo provocar uma lucta regular com a esquadra brasileira, só lhes restava o recurso dos ardis mais ou menos intelligentemente architectados e que realisavam com bravura excepcional.

Se o successo não corôara os seus esforços, a culpa não lhes coube.

Cap. Nilo Val

(Continúa)

Bibliographia

A FRANÇA CALUMNIADA

T. Oscar Marcondes de Souza

Gentilmente enviado pelo Sr. Cmt. Barrant, illustre membro da M. M. F. e distincto escriptor militar, cujos bem apreciados trabalhos têm ornado as paginas de *A Defesa Nacional*, com grande proveito para nossos leitores, pela grande somma de conhecimentos que os mesmos encerram, recebemos um exemplar da obra, cujo titulo encima estas linhas. Em a mesma se acha reunida uma serie de artigos que seu autor publicou no grande diario «O Estado de S. Paulo», por occasião da occupação do Ruhr pela França, em resposta aos protestos feitos naquella época por allemães e germanophilos de S. Paulo.

Já se discutia então a quem cabia a responsabilidade da guerra, thema tanto mais interessante quanto de sua solução resultará o

direito que têm ou não as Nações alliadas ás reparações e indemnizações da mesma.

Com grande maestria e baseando sua bem encadeada argumentação em livros e documentos allemães, publicados post-guerra, o autor estuda a politica internacional allemã anterior á conflagração, chegando á conclusão de que ha muito tempo vinham os Imperios Centraes se preparando para o seu desencadear, para o qual o attentado de Serajevo foi apenas um simples pretexto, cabendo-lhes portanto por inteiro a culpa daquella calamidade.

Faz tambem á luz de estatisticas officiaes um estudo comparativo entre as condições financeiras da França e as da Allemanha, mostrando que a primeira muito mais que a segunda soffreu as consequencias da guerra, não se lhe podendo imputar a occupação do Ruhr sinão como

uma medida de conservação vital, muito necessaria e muito justa.

O livro editado pelas officinas de Monteiro Lobato e escripto por um patricio nosso muito se recommenda á leitura no momento actual, em o qual se debate a these a que acima alludimos. Muito gratos ao Cmt. Barrand.

GUERRA DA TRIPLICE ALLIANÇA

Dada a actual orientação do Estado Maior do Exercito, notavel tem sido a actividade da 5.ª Secção, fazendo estampar valiosos trabalhos historicos.

Agora mesmo acaba de apparecer o 1º fasciculo do 3º volume da obra de Schneider, com anotações do saudoso Barão do Rio Branco.

Os dois primeiros volumes foram publicados em vida do anotador e são hoje rarissimos. Este terceiro volume começou a ser publicado na *Revista Americana*, depois da morte do Barão, mas a sua divulgação não proseguio, por ter deixado de apparecer aquella revista.

O trabalho que acaba de surgir foi collectado nos archivos do Itamaraty e completado trabalhosa e conscientemente pelo major Mario Barreto, chefe interino da referida Secção.

O capitulo XX da obra, que se achava mais ou menos extraviado, foi todo refeito pelo major Barreto e algumas notas alteradas, por haver patente equívoco nos borrões encontrados, cousa naturalissima dado o vulto do trabalho e, principalmente, o facto do outro não o ter concluido e revisto.

O 1º fasciculo, de 198 paginas, é acompanhado de numerosos mappas, da rara e apreciada collecção Jourdan, alem de conter as biographias do Conselheiro Schneider e do Barão do Rio Branco. Depois de publicado o ultimo fasciculo, o Sr. chefe do Estado Maior fará certamente reimprimir os dois primeiros volumes dessa obra notavel, com o que prestará mais um grande serviço ao Exercito e aos estudiosos de qualquer classe.

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Recebemos o volume XXIV desta tão interessante quanto util publicação.

Em as suas paginas são abordados com proficiencia assumptos relativos não só ás nossas

fauna, flora e constituição geologica como tambem ás de outros paizes. A commissão de redacção é composta pelos professores Arthur Neiva, Miranda Ribeiro e Roquette Pinto, nomes bem conhecidos nos dominios das sciencias naturaes.

Recebemos e agradecemos:

Revista del «Circulo Militar» — San Salvador — Maio.

Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia — Maio e Junho.

Union Ibero-americana — Hespanha — Agosto.

Revista Militar — Bolivia — Agosto.

Revista Maritima Brasileira — I de Janeiro — Agosto.

Revista de Medicina Hygiene Militar — Rio de Janeiro — Agosto.

Revista Militar — Argentina — Setembro.

Revista da Escola Militar — Rio de Janeiro — Setembro.

Alerta! — Unigny — Setembro.

EXPEDIENTE

No intuito de regularisar o serviço de cobranças das assignaturas resolvemos incumbir nosso auxiliar, o Sgtº. Kronge, de ir pessoalmente aos estabelecimentos militares desta guarnição (Capital Federal), afim de entender-se com os nossos prezados representantes.

Esta medida visa sobretudo poupar a estes ultimos o trabalho de vir até á nossa redacção, o que, dadas as suas occupações, nem sempre é possivel. Aos mesmos pedimos portanto o obsequio de fazerem entrega ao Sgtº. Kronge das importancias recebidas e continuarem no nobre afan de auxiliar a cruzada pela qual, ha 11 annos, se bate a «Defesa Nacional».

ANNUNCIOS

Preços por semestre:

1 pagina	100\$000
1/2 "	50\$000
1/4 "	25\$000
1/8 "	15\$000

Repetições (por semestre):

1 pagina	60\$000
1/2 "	30\$000
1/4 "	15\$000
1/8 "	10\$000

Art. 7.º dos Estatutos. — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.